

## Capítulo 5

# Atitudes face à divisão familiar do trabalho em Portugal e na Europa

## Introdução

A divisão familiar do trabalho pago e não pago constituiu-se nas últimas décadas como um tema de crescente atenção e investigação tanto no domínio da política social como na área da sociologia.

No campo da política social, o tema insere-se na problemática mais ampla relacionada com a evolução dos Estados-providência na Europa. Tem sido abordado a partir de três questões-chave: o crescimento do emprego feminino, considerado não só do ponto de vista da promoção da igualdade de género na família e na sociedade, mas também enquanto elemento que contribui para o aumento da população activa dos países europeus; o problema da conciliação entre vida profissional e vida familiar, remetendo esta questão para a responsabilidade do Estado, das ONGs, do mercado e das famílias em garantir os cuidados às crianças num contexto de aumento dos casais «duplo emprego»; recentemente, a questão da baixa fecundidade e do envelhecimento nas sociedades europeias, discutindo-se, neste campo, se um dado modelo de divisão familiar do trabalho – por exemplo, um modelo em que a mulher reduz a sua participação no mercado de trabalho – é mais ou menos favorável à subida da natalidade e aos cuidados de idosos e crianças dependentes.

Independentemente das medidas e soluções encontradas nas sociedades e nos diversos Estados-providência, são questões que se encontram hoje no centro do debate sobre políticas sociais e económicas, políticas de igualdade e políticas de família. Saber se é melhor para a criança, para a demografia ou para a economia serem sobretudo as mu-

lheres, os homens e as mulheres ou as instituições a cuidar de crianças pequenas, decidir se é preferível promover uma política activa centrada numa lógica de *emprego e meio* (homem a tempo inteiro, mulher a tempo parcial) em que a mulher é a principal responsável pelos filhos e pela casa ou, pelo contrário, numa lógica de *duplo emprego* a tempo inteiro associada à partilha conjugal das tarefas e ao direito social a serviços de apoio, são temas que estão no centro de intensos debates políticos e sociais.

No contexto de um trabalho comparativo, é por isso importante ter em conta uma possível articulação entre os diversos Estados-providência e a divisão familiar do trabalho. Uma primeira hipótese que se colocou desde cedo na investigação foi a de encontrar alguma relação entre as políticas nacionais de família e as atitudes face à divisão familiar do trabalho pago e não pago. Pensou-se que os valores e as atitudes poderiam reflectir as diferenças entre, por exemplo, os Estados-providência de tendência liberal, tradicionalmente associados ao modelo do ganhador masculino (Grã-Bretanha, Irlanda), os de tendência social-democrata, mais favoráveis à lógica igualitária e à dupla profissão (países escandinavos), os de tendência corporativista, menos (França) ou mais (Alemanha Ocidental) conservadores do ponto de vista das atitudes face ao emprego das mulheres, os que têm um modelo de Estado-providência dito «residual» (os países da Europa do Sul), considerado ainda por quase todos os autores mais tradicional do ponto de vista da vida familiar e das atitudes face ao trabalho das mulheres. Apesar de vários estudos já terem demonstrado que não existe uma relação linear e simples entre os tipos de Estado-providência e a divisão familiar do trabalho, trata-se, contudo, de uma problemática que se torna indispensável manter em pano de fundo quando se procede a uma análise comparativa entre países sobre os papéis de género na família.

No campo da sociologia das relações de género e da sociologia da família, o tema também ocupa um lugar de destaque. Não pelo impacto que possa ter no futuro da população activa ou no modelo de protecção social emergente, mas pela mudança que representa, ou não, nas relações de género na sociedade. Fortemente marcadas, até há poucas décadas, por desigualdades que diferenciavam o papel expressivo e doméstico da mulher e o papel instrumental e público do homem, as relações familiares assentam hoje num modelo da família «relacional» e democrática, centrada na descoberta do indivíduo e da sua identidade no seio de um universo «privado» escolhido por ele. Os sociólogos consideram que este modelo assenta em três grandes princípios: o princípio

da autonomia de cada um; o princípio da igualdade nas relações; o princípio da liberdade de escolha. Baseado numa concepção mais «individualista» e «igualitária» da família, o modelo pressupõe a generalização de atitudes e práticas igualitaristas em relação tanto ao trabalho pago como ao trabalho não pago dentro da família (tarefas domésticas, cuidados a pessoas doentes, etc.).

De facto, todas as análises efectuadas sublinham uma mudança no sentido de novas atitudes e práticas face à divisão familiar dos papéis de género nos países europeus. O modelo tradicional do homem provedor/mulher doméstica é recusado por grande parte dos indivíduos e a participação das mulheres no mercado de trabalho, seja a tempo inteiro, seja a tempo parcial, cresceu em todos os países. As mulheres continuam, no entanto, a ter trajectórias de emprego menos contínuas e mais diferenciadas do que as dos homens, combinando, de formas diversas, o trabalho a tempo inteiro, o ficar em casa, o trabalho a tempo parcial (Wall e Guerreiro, 2005). Observam-se também muito menos mudanças a nível das práticas no universo doméstico. Por isso, a tónica de muitos estudos tem sido colocada na discrepância entre atitudes igualitárias e práticas assimétricas, sobretudo no que diz respeito ao trabalho doméstico e de cuidados às pessoas dependentes.

Os objectivos deste capítulo são diferentes. Tirando partido de um inquérito que inclui uma grande diversidade de perguntas relativamente ao tema das atitudes face à divisão dos papéis de género na família, preferimos aprofundar a análise das atitudes, elas mesmas. *O principal objectivo é procurar verificar se existem no interior de cada país padrões distintos de atitudes face à divisão familiar do trabalho para num segundo momento, e no caso de ser possível identificar vários padrões, analisar os factores determinantes dos mesmos.* Partindo da hipótese, já observada noutros estudos, de que existem regimes de género, políticas públicas e factores sociais e económicos que podem fazer variar as atitudes face aos papéis de género de país para país, esperamos poder ultrapassar uma classificação que situa as atitudes sociais num eixo único – tradicional-moderno – e observar em maior detalhe, no interior de cada país, os padrões atitudinais que emergem, qual o significado que podemos atribuir-lhes e em que combinação de valores se baseiam. Dito de uma forma algo simplista, a principal interrogação que se coloca é a seguinte: quando se olha para um país considerado «moderno» em termos das atitudes face aos papéis de género (a Suécia, por exemplo), o que é que subjaz a essa modernidade? Será que predomina de forma esmagadora um padrão moderno único, centrado nos valores do *duplo emprego a tempo inteiro* e

do *duplo cuidar*? Ou será que a «modernidade» deixa espaço para alguma variedade de configurações atitudinais?

O capítulo divide-se em cinco partes. Na primeira apresentamos resumidamente os indicadores utilizados e os três índices que foram construídos. Na segunda olhamos para Portugal, analisando os valores que apresenta nas três medidas utilizadas, os padrões de atitudes identificados e os principais factores de variação. Na terceira parte introduzimos uma primeira análise comparativa, tendo por referência os valores, nos três índices, de Portugal e de outros catorze países europeus. Segue-se na quarta parte uma análise aprofundada dos padrões atitudinais encontrados em sete países (Grã-Bretanha, Suécia, Alemanha Ocidental, República Checa, França, Espanha, Portugal). A escolha dos sete países baseou-se no critério da diversidade: com base na amostra de países europeus que tínhamos à nossa disposição, procurámos incluir países de várias regiões da Europa, pertencentes a perfis distintos de Estado-providência, com alguma variedade em termos de estruturas familiares e com políticas diferentes face ao emprego da mulher e à conciliação entre vida profissional e vida familiar; quisemos também incluir pelo menos um país do alargamento e, para podermos olhar com alguma atenção para a Europa do Sul, mais um país desta região (Espanha). Na última parte procurámos encontrar, para alguns padrões atitudinais mais comuns, e apenas para esta amostra de sete países europeus, algumas variáveis explicativas.

## Medidas utilizadas

Para identificar modelos culturais de género, família e trabalho, algumas propostas teóricas recentes mostram que é fundamental ter em conta diferentes dimensões de análise (Leira, 1992; Lewis, 1993; Sainsbury, 1996; Pfau-Effinger, 1999; Crompton, 1999). No nosso estudo foi possível operacionalizar três dimensões: a construção social do trabalho pago; a construção social do trabalho não pago; a construção social da relação entre emprego e maternidade<sup>1</sup>. Não se conseguiu

<sup>1</sup> Os índices construídos baseiam-se na relevância teórica destas dimensões para o estudo dos padrões atitudinais. Inicialmente foi feita uma análise factorial, mas os resultados foram decepcionantes, permitindo apenas identificar dois eixos (o tradicional e o moderno). A utilização dos três índices, construídos a partir das várias interrogações incluídas no inquérito, permitiu, pelo contrário, enveredar por um caminho sociologicamente mais interessante, revelando padrões atitudinais que combinam de forma complexa as dimensões identificadas.

operacionalizar uma quarta dimensão, a da relação das famílias com o Estado. Neste campo, tanto pode existir uma atitude que sublinha a importância e a maior competência do papel do Estado na tarefa de educar as crianças (consideradas futuros cidadãos, que devem ser enquadrados desde cedo pelo Estado) como se pode enfatizar o papel primordial da família, considerando-se, pelo contrário, que a criança pequena necessita sobretudo de cuidados especiais e apoios dados pela família e pela mãe. Na ausência desta última dimensão, as três medidas utilizadas são as seguintes:

- O índice relativo à *divisão do trabalho pago* foi construído a partir das respostas individuais a seis enunciados. Os primeiros três procuram perceber as atitudes face ao papel da mulher empregada (por contraste com o seu papel de mãe e dona de casa). Os dois seguintes dizem respeito à divisão do trabalho pago no casal (mais centrada no duplo emprego ou mais centrada no modelo tradicional do ganha-pão masculino). O último enunciado remete para atitudes face ao tipo de trabalho pago (tempo inteiro, tempo parcial, nenhum trabalho) da mulher a viver em casal que tem uma criança que ainda não frequenta a escola. Como se pode ver, é também uma pergunta sobre a divisão familiar do trabalho pago, contextualizada agora em função da idade da criança:

V7 Está certo que a mulher trabalhe, mas o que a maior parte das mulheres realmente quer ter é um lar e filhos;

V8 Ser dona de casa/doméstica é tão gratificante como ter um emprego;

V9 A melhor maneira de a mulher ser independente é ter um emprego;

V10 Marido e mulher devem ambos contribuir para o rendimento do agregado familiar;

V11 Compete ao homem ganhar dinheiro e à mulher cuidar da casa e da família;

V15 Na sua opinião, a mulher devia ter um trabalho a tempo inteiro, a tempo parcial ou ficar em casa quando há uma criança que ainda não entrou para a escola (menos de 6 anos);

- O índice relativo à *divisão do trabalho não pago* foi construído a partir das respostas individuais a dois enunciados que dizem respeito às atitudes face ao aumento da participação do homem em dois

tipos de trabalho não pago: as tarefas domésticas e os cuidados prestados às crianças:

V12 Os homens deviam participar mais nas tarefas domésticas do que participam actualmente;

V13 Os homens deviam tomar mais conta dos filhos do que tomam actualmente;

- O índice relativo à relação entre *emprego e maternidade* foi construído a partir de três enunciados. Já não se trata de analisar a atitude, mais ou menos positiva, face à mulher que trabalha fora de casa. Procura-se agora perceber a atitude face ao impacto que o emprego feminino pode ter na maternidade, nos cuidados femininos prestados a crianças pequenas e na vida familiar em geral. De uma certa forma, estamos a olhar, de uma forma indirecta, para o papel primordial atribuído à mulher na educação e nos cuidados prestados a crianças muito pequenas:

V4 Uma mãe que trabalha fora de casa pode ter uma relação tão carinhosa e sólida com os filhos como uma mãe que não trabalha fora de casa;

V5 É provável que uma criança pequena (até ir para a escola) sofra se a mãe trabalhar fora de casa;

V6 Bem vistas as coisas, a vida familiar é prejudicada quando a mulher trabalha fora de casa a tempo inteiro.

## Principais padrões atitudinais em Portugal

No caso de Portugal, se olharmos em conjunto para todas as respostas individuais, constata-se que os valores médios nos três índices são bastante diferentes (a escala vai de 1 a 5: o 1 representa atitudes mais conservadoras e o 5 atitudes menos conservadoras). Observa-se no quadro 5.1 que os valores são médios no índice do trabalho pago (3,18), elevados no índice do trabalho não pago (4,12) e muito baixos no caso do índice do emprego e maternidade (2,61). Em suma, os valores mostram que os portugueses concordam bastante com o emprego feminino e o modelo de *duplo emprego* no casal, concordam muito com o enunciado de que os homens deviam participar mais nas tarefas e nos cuidados aos filhos e, por último, concordam mesmo muito com o enunciado segundo o qual o emprego da mulher tem um impacto ne-

gativo na maternidade, nos cuidados prestados a crianças pequenas com menos de 6 anos e na vida familiar em geral. Os resultados relativos a este último índice parecem mostrar, por um lado, que em Portugal se atribui um papel primordial à família e à mãe nos cuidados prestados às crianças e, por outro, embora indirectamente, que os inquiridos sentem que é difícil conciliar o trabalho pago e os papéis parentais.

Quadro 5.1 – Principais padrões de atitudes face à divisão familiar do trabalho, Portugal  
( $n = 1004$ )

	3 índices - médias*			
	%	Índice de divisão do trabalho pago	Índice de divisão do trabalho não pago	Índice de emprego e maternidade
		(Portugal: $\alpha = 0,55$ ; 7 países: $\alpha = 0,68$ )	(Portugal: $0,51, p < 0,001$ ; 7 países: $0,70, p < 0,001$ )	(Portugal: $\alpha = 0,60$ ; 7 países: $\alpha = 0,72$ )
Tradicional forte	8,4	2,91	2,59	2,70
Tradicional forte modificado	25,6	2,54	4,16	1,82
Moderno maternidade forte	28,1	3,56	4,37	2,25
Moderno moderado	23,1	3,01	4,12	3,10
Moderno forte	14,8	4,01	4,46	3,88
Total	100,0	3,18	4,12	2,61
		$F(4, 999) = 354,83, p < 0,001, \eta^2 = 0,59$	$F(4, 999) = 205,43, p < 0,001, \eta^2 = 0,45$	$F(4, 999) = 613,11, p < 0,001, \eta^2 = 0,71$

\* Escala:

1 – atitudes mais conservadoras

(«ganha-pão» masculino, mulher doméstica e principal cuidadora, impacto negativo)

←→

5 – atitudes mais liberais

(casal duplo emprego, ambos domésticos e cuidadores, sem impacto)

Relativamente aos padrões atitudinais, encontramos cinco padrões distintos<sup>2</sup>. O padrão *tradicional forte* é conservador nos três índices (quadro 5.1) e aponta para o modelo clássico do homem provedor da família/mulher doméstica. Do ponto de vista dos enunciados que compõem os índices (quadros 5.2 e 5.3) constata-se neste padrão que uma proporção elevada dos inquiridos concorda, por um lado, que o que a maioria das mulheres quer é ter um lar e filhos e que o trabalho de um homem é ganhar dinheiro e o da mulher é tratar da casa e dos filhos e discorda, por outro lado, da ideia de uma maior participação dos homens no trabalho doméstico.

<sup>2</sup> Os padrões foram obtidos através de uma análise de *clusters*. A análise de *clusters* foi feita em dois passos: efectuámos primeiro uma análise de *clusters* hierárquica, utilizando o método Ward, e em seguida utilizámos o procedimento de classificação *quick cluster*, que permite otimizar a classificação dos sujeitos obtida através do *cluster* hierárquico. Este tipo de análise estatística dá alguma margem de liberdade à leitura da realidade empírica, não limitando à partida o número de padrões que iríamos descobrir.

O padrão *tradicional forte modificado*, que poderia ter o título alternativo de *tradicional forte com algum companheirismo doméstico*, também é muito conservador do ponto de vista da divisão do trabalho pago e do impacto do emprego feminino, mas é mais liberal no que diz respeito à participação do homem no trabalho não pago. Este padrão parece indicar uma preferência por um modelo baseado em papéis de género diferenciados, em que a mulher fica em casa e toma conta dos filhos, mas também deseja, a par desta diferenciação, alguma partilha conjugal no quotidiano doméstico. É um padrão interessante, já encontrado noutros inquéritos<sup>3</sup>, em que as pessoas advogam um modelo do provedor masculino/mulher doméstica, mas aceitam com alguma dificuldade a ideia de uma total segregação nas rotinas dentro de casa. Dito de outra forma, é como se os valores da família moderna, centrados no companheirismo, na partilha e na comunicação, tornassem difícil aceitar papéis de género totalmente segregados no dia a dia doméstico, mesmo quando o homem é o principal provedor.

O padrão *moderno maternidade forte* tem características bastante diferentes. As atitudes face ao emprego feminino e ao aumento da participação dos homens na vida doméstica são de concordância, enquanto as atitudes face ao impacto do emprego na maternidade e na vida familiar são muito negativas. É um padrão baseado num contraste marcado entre um apoio forte em relação a papéis de género igualitários no trabalho pago e não pago e uma atitude muito negativa face às mães que trabalham a tempo inteiro quando os filhos são muito pequenos. Valoriza-se, neste padrão, a maternidade e o trabalho feminino a tempo parcial para apoiar as crianças. Aliás, como se pode observar no quadro 5.3, são os inquiridos que se enquadram neste padrão de atitudes os que mais concordam (71%) com o trabalho feminino a tempo parcial quando as crianças são muito pequenas.

Por último, temos dois padrões – o *moderno forte* e o *moderno moderado* – menos conservadores. O *moderno forte*, para além de ter valores elevados nos índices do trabalho pago e não pago, também é praticamente o único que tem um valor claramente elevado no índice do emprego e maternidade, mostrando que os inquiridos recusam o impacto negativo do trabalho feminino na relação mãe-filho e nos cuidados prestados a crianças pequenas.

<sup>3</sup> Wall e Guerreiro (2005).

**Quadro 5.2 – Principais padrões de atitudes segundo alguns enunciados utilizados, Portugal**  
(% de concordância;  $n = 1005$ )

	Todos	Tradicional forte	Tradicional forte modificado	Moderno maternidade forte	Moderno moderado	Moderno forte
<b>Índice de divisão do trabalho pago (média)</b>	3,18	2,91	2,54	3,56	3,01	4,01
Um emprego é bom, mas o que a maioria das mulheres quer é uma casa e filhos	60,1	65,8	88,3	53,6	58,0	32,2
O trabalho de um homem é ganhar dinheiro, o trabalho de uma mulher é cuidar da casa e da família	32,9	55,9	64,6	19,9	25,6	1,3
<b>Índice de divisão do trabalho não pago (média)</b>	4,12	2,59	4,16	4,37	4,12	4,46
Os homens devem fazer mais trabalho doméstico do que fazem actualmente	85,7	16,5	83,3	95,7	94,8	96,7
Os homens devem cuidar mais vezes dos filhos do que actualmente cuidam	87,1	28,6	93,8	92,6	90,9	92,7
<b>Índice de emprego e maternidade (média)</b>	2,61	2,70	1,82	2,25	3,10	3,88
Uma mãe que trabalha pode estabelecer um relacionamento tão próximo e afável como uma mãe que não trabalha	56,9	65,5	17,5	46,6	84,5	96,7
Uma criança em idade pré-escolar poderá eventualmente sofrer se a sua mãe tiver um emprego a tempo inteiro	78,5	88,1	96,2	93,3	64,7	36,3

**Quadro 5.3 – Principais padrões de atitudes por percentagem de quem pensa que uma mulher deve trabalhar a tempo inteiro, a tempo parcial ou não deve trabalhar quando tem filhos em idade pré-escolar (a)**  
( $n = 1005$ )

	Todos	Tradicional forte	Tradicional forte modificado	Moderno maternidade forte	Moderno moderado	Moderno forte
Emprego tempo inteiro	12,3	13,1	0,4	16,0	1,7	42,3
Emprego tempo parcial	44,5	21,4	13,6	71,5	48,5	53,7
Ficar em casa	43,2	65,5	86,0	12,5	49,8	4,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(a)  $\chi^2_8 = 514,08$ ,  $p < 0,001$  (coeficiente de contingência = 0,58).

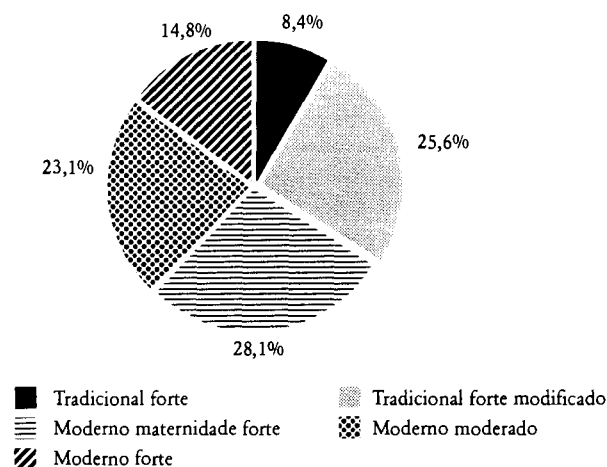
Para se ver em pormenor como é que os inquiridos, considerados per-tinentes aos cinco padrões atitudinais, discordaram ou concordaram com os enunciados utilizados podemos também fazer uma leitura breve de dois quadros que cruzam os cinco padrões com as percentagens dos

que concordam com algumas das perguntas (quadros 5.2 e 5.3). Note-se, por exemplo, que os padrões atitudinais tradicionais se associam a percentagens elevadas de concordância no enunciado relativo ao homem provedor e no que se refere ao facto de uma criança pequena sofrer quando a mãe trabalha a tempo inteiro. No pólo oposto, o padrão *moderno forte* associa-se a uma recusa quase total (apenas 1,3% concorda) do modelo do homem provedor, apoia de forma esmagadora (97%) a participação dos homens nas tarefas domésticas e é o único padrão em que os inquiridos acham que uma percentagem elevada (42%) das mães devia trabalhar a tempo inteiro quando existe uma criança pequena (quadro 5.3).

Na figura 5.1 podemos observar que os padrões atitudinais mais tradicionais representam cerca de um terço (34%) do total. Verifica-se, porém, que o padrão *tradicional forte*, aquele que traduz de uma forma mais consistente as atitudes face à divisão familiar do trabalho centradas no modelo do «homem provedor», corresponde hoje a uma franja claramente minoritária da população. Pelo contrário, tanto o padrão *tradicional forte modificado* (ou com *companheirismo doméstico*) como o padrão *moderno maternidade forte* representam fatias importantes (27% e 28%) do total, enquanto os dois padrões mais modernos, em conjunto, chegam a 38% do total. De notar, no entanto, que no padrão *moderno forte* apenas se encontra um oitavo dos inquiridos (15%).

O cruzamento dos padrões de atitudes face à divisão familiar do trabalho com alguns factores demográficos, profissionais e sociais indica

Figura 5.1 – Principais padrões de atitudes, Portugal  
(n = 1004)



que os mais significativos em Portugal são a idade, a posição social (medida através do nível de instrução e da classe social) e a condição perante o trabalho (para as mulheres) (quadro 5.4). O sexo tem algum impacto, mas não é uma das variáveis que mais explicam a diversidade das atitudes face à divisão familiar do trabalho. Os homens são ligeiramente mais conservadores do que as mulheres: 39% dos homens, mas apenas 30% das mulheres, preferem os padrões mais tradicionais, enquanto 16,9% das mulheres e só 12,5% dos homens se encontram no padrão mais moderno. É interessante sublinhar também que o padrão *moderno maternidade forte* está mais associado às mulheres (quase um terço: 32%) do que aos homens (24%), enquanto o padrão *tradicional forte* se encontra sobrerrepresentado nos homens.

Quadro 5.4 – Padrões atitudinais em Portugal segundo o sexo, a idade, o estado civil, o nível de educação, a classe social, a condição perante o trabalho, a religião

	Tradicional forte	Tradicional forte modificado	Moderno maternidade forte	Moderno moderado	Moderno forte
<b>Sexo (n = 1004)</b>					
Masculino	12,3	27,0	23,8	24,4	12,5
Feminino	4,9	24,6	31,7	22,0	16,9
Total	8,4	25,7	28,0	23,1	14,8
$\chi^2_4 = 26,55, p < 0,001; \alpha = 0,16$					
<b>Idade (n = 1005)</b>					
18 - 29 anos	6,6	7,0	32,8	27,1	26,6
30 - 44 anos	14,6	19,8	25,0	24,3	16,3
45 - 64 anos	5,4	32,3	28,6	22,8	10,9
65 anos ou mais	6,3	46,4	26,6	16,7	4,2
Total	8,5	25,6	28,1	23,0	14,8
$\chi^2_{12} = 138,30, p < 0,001; \alpha = 0,35$					
<b>Idade e sexo</b>					
<b>Homens (n = 388)</b>					
18 - 29 anos	8,1	12,6	29,7	28,8	20,7
30 - 44 anos	23,9	15,5	18,3	28,9	13,4
45 - 64 anos	7,2	35,3	24,5	21,6	11,5
65 anos ou mais	6,5	53,2	23,4	15,6	1,3
Total	12,4	26,9	23,7	24,5	12,6
$\chi^2_{12} = 83,24, p < 0,001; \alpha = 0,39$					
<b>Mulheres (n = 534)</b>					
18 - 29 anos	5,1	2,5	34,7	26,3	31,4
30 - 44 anos	5,5	24,0	30,8	19,9	19,9
45 - 64 anos	3,9	29,0	32,3	23,9	11,0
65 anos ou mais	6,1	41,7	28,7	17,4	6,1
Total	5,1	24,5	31,6	21,9	16,9
$\chi^2_{12} = 69,14, p < 0,001; \alpha = 0,34$					
<b>Estado civil</b>					
<b>Homens (n = 472)</b>					
Casado	12,1	33,1	25,5	21,4	7,9
Coabitante	15,4	23,1	23,1	38,5	23,1
Vívuo	0,0	75,0	16,7		8,3
Divorciado/separado	25,0	16,7	12,5	16,7	29,2
Solteiro	12,2	13,7	22,9	32,8	18,3
Total	12,6	27,0	23,8	24,3	12,3
$\chi^2_{16} = 58,53, p < 0,001; \alpha = 0,33$					

	Tradicional forte	Tradicional forte modificado	Moderno maternidade forte	Moderno moderado	Moderno forte
<b>Mulheres (n = 533)</b>					
Casada	4,7	26,0	34,8	21,6	12,8
Coabitante	4,3	43,5	8,7	26,1	17,4
Viúva	5,8	32,6	29,1	23,3	9,3
Divorciada/separada	8,0	12,0	28,0	32,0	20,0
Solteira	4,9	11,8	32,4	17,6	33,3
Total	5,1	24,4	32,0	21,8	16,7
$\chi^2_{16} = 44,70, p < 0,001; \alpha = 0,28$					
<b>Escolaridade (n = 1004)</b>					
Nenhum	5,2	45,4	23,0	21,3	5,2
1.º ciclo do ensino básico	10,6	40,1	24,6	20,8	3,9
2.º e 3.º ciclo do ensino básico	9,8	16,0	35,6	27,8	10,8
Ensino secundário	5,1	6,4	26,1	24,2	38,2
Ensino superior	8,4	7,2	26,5	15,7	42,2
Total	8,4	25,7	28,1	23,1	14,7
$\chi^2_{16} = 253,91, p < 0,001; \alpha = 0,45$					
<b>Classe social (n = 851)</b>					
(inclui os estudantes e as domésticas)					
Empresários e dirigentes	3,0	18,2	12,1	33,3	33,3
Profissões intelectuais e científicas	6,9	9,7	20,8	18,1	44,4
Profissões técnicas e de enquadramento intermédio	2,1	19,1	44,7	19,1	14,9
Independentes e pequenos patrões do secundário e terciário	13,9	16,7	31,9	22,2	15,3
Camponeses	47,6	14,3	23,8	14,3	,0
Empregados executantes	6,4	16,2	30,6	28,3	18,5
Empregados não qualificados do terciário	8,2	31,6	27,6	20,4	12,2
Operariado industrial	9,6	33,8	24,8	24,5	7,3
Assalariados agrícolas	3,0	42,4	27,3	24,2	3,0
Total	8,9	24,9	27,3	23,9	15,0
$\chi^2_{32} = 161,20, p < 0,001; \alpha = 0,40$					
<b>Condição perante o trabalho</b>					
Pop. < 65 anos (sem estudantes e outra situação)					
<b>Homens (n = 364)</b>					
Empregado(a) a tempo inteiro	15,1	17,9	24,9	26,7	15,4
Empregado(a) a tempo parcial	9,1	18,2	63,6	9,1	100,0
Desempregado(a)	13,2	26,3	18,4	21,1	21,1
Reformado(a), pré-reformado(a) ou com invalidez permanente	13,8	51,7	20,7	13,8	
Doméstico(a)	100,0				100,0
Total	14,3	21,4	23,6	26,1	14,6
$\chi^2_{16} = 35,30, p < 0,01; \alpha = 0,30$					
<b>Mulheres (n = 374)</b>					
Empregado(a) a tempo inteiro	6,7	14,3	36,7	20,5	21,9
Empregado(a) a tempo parcial	3,1	15,6	25,0	31,3	25,0
Desempregado(a)	6,4	17,0	46,8	19,1	10,6
Reformado(a), pré-reformado(a) ou com invalidez permanente	4,8	28,6	28,6	9,5	28,6
Doméstico(a)	46,9	21,9	28,1	3,1	100,0
Total	5,1	21,1	34,0	21,9	17,9
$\chi^2_{16} = 54,77, p < 0,001; \alpha = 0,36$					
<b>Religião</b>					
Católicos praticantes	6,3	35,2	25,8	24,6	8,0
Católicos não praticantes	8,1	22,0	29,1	23,4	17,3
Outra religião	14,3	21,4	21,4	28,6	14,3
Nenhuma religião	13,1	15,9	33,6	13,1	24,3
Total	8,2	26,0	28,2	22,9	14,7
$\chi^2_{12} = 52,42, p < 0,001; \alpha = 0,22$					

A idade introduz variações mais significativas. No grupo de idade dos 65 anos e mais verifica-se que mais de metade dos inquiridos (52,7%) adere aos modelos tradicionais, sendo de notar, contudo, que, neste grupo de idade, a preferência se centra nitidamente no padrão *tradicional modificado*, caracterizado, como já se viu, por uma atitude um pouco mais positiva face à maior participação dos homens nas tarefas domésticas e nos cuidados a dependentes. Um segundo aspecto, mais inesperado, diz respeito a 15%, uma percentagem bastante elevada e bem acima do valor médio, dos inquiridos entre os 30 e os 44 anos que se situam no padrão *tradicional forte*. Se controlarmos este dado por idade e sexo, descobrimos que são sobretudo os homens – 24%, comparados com 6% das mulheres entre os 30 e os 44 anos – que se associam ao modelo do homem provedor/mulher em casa.

Em suma, os dados apontam para uma interpretação segundo a qual a variação das atitudes «tradicionais» não é apenas o resultado da idade (maior conservadorismo nos grupos de idade mais velhos), mas também está relacionada com a fase da vida familiar: nos homens entre os 30 e os 44 anos, isto é, os que estão na idade de entrada e de vivência da conjugalidade e da parentalidade, um em cada quatro concorda com uma divisão familiar do trabalho pago e não pago totalmente segregada, que os coloca a eles no papel de provedor e a elas no papel de cuidadora da casa e das crianças. Neste grupo de idade, em contrapartida, as mulheres afastam-se do padrão *tradicional forte* e tendem a inserir-se, em proporções elevadas, no padrão *tradicional forte com companheirismo doméstico* (24%) e no padrão *moderno maternidade forte* (30,8%). No primeiro modelo concordam com uma divisão tradicional do trabalho pago onde o homem participa sozinho no mercado de trabalho; no segundo discordam desse enunciado, mas preferem, quando as crianças são pequenas, o modelo do *emprego e meio*: o homem a tempo inteiro e a mulher a tempo parcial.

Importa não esquecer, portanto, que no momento actual o modelo do homem provedor que sustenta a família não está, por variadas razões, que podem ir desde a pressão social e profissional até às interacções familiares, a ser completamente afastado ou posto de lado pelas gerações mais novas. Aliás, podemos observar por outra via esta relação que se estabelece por vezes entre uma fase da vida familiar e as atitudes de concordância face ao modelo do homem provedor: cruzando os padrões atitudinais com o estado civil dos inquiridos (quadro 5.4), verifica-se que são os homens casados, depois dos viúvos, que evidenciam uma percentagem elevada nos dois padrões mais tradicionais (45,2%).

Apenas 26% dos homens solteiros e 7,6% das mulheres solteiras se inserem nos mesmos padrões.

No entanto, a variável que mais impacto tem na variação das atitudes é a posição social. O nível de instrução é um indicador revelador. A medida que subimos na escala dos níveis de educação, verifica-se um aumento do padrão *moderno forte*, que passa de 3,9% nos inquiridos com o ensino primário para 42,2% nos que têm um curso superior, acompanhado de uma descida regular dos dois padrões *tradicionais*: a nível do ensino primário, metade (50,7%) dos inquiridos associa-se a estes padrões; a nível do ensino obrigatório, apenas um quarto dos inquiridos (25,8%); a nível do ensino secundário, apenas um décimo (11,5%).

Dois pormenores destoam da aparente linearidade dos dados. Por um lado, os padrões *moderno maternidade forte* e *moderno moderado* variam menos segundo os níveis de escolaridade do que os outros padrões, notando-se apenas alguma sobre-representação a nível dos inquiridos com o ensino obrigatório. Por outro lado, o valor conjunto dos padrões *tradicionais* a nível dos inquiridos com o ensino superior é ligeiramente mais elevado, em percentagem total (15,6%), do que o mesmo valor para os inquiridos com o ensino secundário (11,5). São discrepâncias ligeiras que apontam, apesar de tudo, para alguma diversidade de atitudes nos meios sócio-profissionais mais favorecidos e escolarizados. Como se pode constatar nos dados relativos à classe social, tanto os empresários e dirigentes como os profissionais técnicos e de enquadramento aderem mais a atitudes «tradicionais com companheirismo doméstico» do que os profissionais intelectuais e científicos. Aliás, é apenas neste último grupo sócio-profissional que quase metade dos inquiridos adopta um padrão *moderno forte* de atitudes.

A relação entre os padrões atitudinais e a condição perante o trabalho também revela alguma correlação entre as duas variáveis, menos significativa, no entanto, do que a posição social. Na população feminina em idade activa (com menos de 65 anos) sobressai o facto de a condição de doméstica estar claramente associada ao padrão *tradicional forte modificado* (46,9% das inquiridas). Em contrapartida, existe pouca diferença nos padrões atitudinais das mulheres que trabalham a tempo parcial e das que trabalham a tempo inteiro. Aliás, as primeiras estão mais associadas aos padrões modernos do que as que trabalham a tempo inteiro, indiciando uma certa preferência pelo trabalho a tempo inteiro, e não a tempo parcial. Não se encontra, assim, em Portugal uma colagem importante entre atitudes e práticas, um resultado que contraria em parte a proposta de Hakim, segundo a qual existe actual-

mente uma colagem significativa entre «preferências» e práticas de divisão familiar de trabalho e um efeito cada vez menor dos constrangimentos associados ao mercado de emprego e a factores sociais (Hakim, 2003).

Se seleccionarmos apenas a população com menos de 50 anos e a viver em casal para focarmos melhor a relação entre as atitudes e a divisão conjugal do trabalho pago (quadro 5.5), verifica-se mais uma vez o efeito modesto dos padrões atitudinais. Predomina sempre a situação em que ambos os cônjuges trabalham. Nota-se, no entanto, uma diferença significativa a nível do padrão *tradicional forte com companheirismo doméstico*, o padrão tradicional mais «popular» actualmente: a proporção de casais em que ambos trabalham continua a ser predominante (53,2%), mas está muito abaixo do valor médio (71,1%); por outro lado, existe um terço dos casais em que é «só o homem a trabalhar». Os dois padrões seguintes – o *moderno maternidade forte* e o *moderno moderado* – estão próximos dos valores médios, mas o padrão *moderno forte* associa-se claramente a uma percentagem acima da média em que ambos os casais trabalham (81,5%). Em resumo, apesar de práticas de divisão do trabalho pago em que predomina sempre o trabalho de ambos os membros do casal, as atitudes podem fazer aumentar ou diminuir ligeiramente o trabalho de ambos ou a situação do homem provedor, especialmente nos padrões atitudinais mais «radicais», isto é, nos que se associam de forma consistente a um conjunto de atitudes quer muito conservadoras, quer muito liberais.

**Quadro 5.5 – Padrões de atitudes na população até 50 anos a viver em conjugalidade por divisão conjugal do trabalho profissional, Portugal (a)**  
(n = 340)

	Todos os casais	Tradicional forte	Tradicional forte modificado	Moderno maternidade forte	Moderno moderado	Moderno forte
Ambos a trabalhar	71,1	75,0	53,2	71,7	76,0	81,5
Só o homem a trabalhar	23,7	25,0	33,9	23,6	22,7	13,0
Só a mulher a trabalhar	5,2	-	12,9	4,7	1,3	5,6

(a)  $\chi^2_8 = 20,34$ ,  $p < 0,01$ ;  $\alpha = 0,24$ .



**Quadro 5.6 – Padrões de atitudes na população até 50 anos a viver em conjugalidade segundo quem faz a limpeza da casa (a) (n = 329)**

	Todos os casais	Tradicional forte	Tradicional forte modificado	Moderno maternidade forte	Moderno moderado	Moderno forte
Sempre/habitualmente a mulher	72,8	86,7	78,1	67,3	86,1	50,0
Igual	16,9	6,7	18,8	19,2	8,3	28,0
Sempre/habitualmente o marido	2,8	3,3	1,6	3,8	1,4	4,0
Delegado numa terceira pessoa	7,5	3,3	1,6	9,6	4,2	18,0

(a)  $\chi^2_{12} = 30,19, p < 0,01; \alpha = 0,29$ .

Quanto às atitudes e às práticas de divisão familiar do trabalho doméstico, é sabido que o desfasamento é grande. O nosso inquérito também o confirma. Se olharmos para uma das tarefas domésticas mais rotineiras – a limpeza da casa (quadro 5.6) –, constata-se que os padrões que mais defendem a participação do homem nas tarefas domésticas estão associados a valores elevados da solução em que «é sempre ou habitualmente a mulher» a limpar a casa. É verdade que o padrão *moderno forte* tem um valor menos elevado (50%) nesta categoria e mais casais a partilharem a limpeza, mas é preciso ter em conta que esse valor mais baixo é compensado por uma percentagem elevada de casais (18%) que delegam a limpeza numa terceira pessoa.

## Uma primeira análise comparativa

Se colocarmos agora Portugal num conjunto de 15 países europeus (quadro 5.7) para conseguirmos perceber a sua posição relativa nas três medidas utilizadas, constatamos que no índice da divisão familiar do trabalho pago o país se encontra muito próximo de alguns países (a Finlândia, a Irlanda, a Alemanha Ocidental) com valores próximos do valor médio para todos os países. Distancia-se assim dos países escandinavos e também da Espanha e da França, que exibem valores acima do valor médio, mas afasta-se dos países mais conservadores relativamente a esta dimensão (não só dos países do alargamento europeu, mas também da Grã-Bretanha e da Suíça).

Nos dois outros índices, a posição de Portugal é completamente diferente. Juntamente com a Espanha, a França, a Finlândia e a Suécia, Portugal tem um dos valores mais elevados no índice do trabalho familiar

não pago, sendo estes os países que mais concordam que o homem devia aumentar a sua participação nas tarefas domésticas e nos cuidados às crianças. As interpretações da posição de Portugal nesta dimensão são diversas. Para uns é sinal de que em Portugal a divisão do trabalho doméstico é tão tradicional que as atitudes mais «modernas» no campo do trabalho não pago indiciam sobretudo uma grande vontade de mudança.

No entanto, se olharmos para os valores, também elevados, da França, da Finlândia e da Suécia, países considerados como tendo divisões domésticas menos tradicionais, esta primeira interpretação pode parecer incompleta, já que existem outros factores comuns a estes países e a Portugal que podem conduzir a interpretações complementares. Verifica-se, por exemplo, que Portugal, a França, a Finlândia e a Suécia são alguns dos países da antiga UE onde as proporções de mulheres em idade activa a trabalhar a tempo inteiro são mais elevadas (v. caracterização dos países, anexo, quadro 5.21) e onde, à excepção da Espanha (que constitui uma *latecomer* neste domínio), as políticas nacionais têm reconhecido a importância do trabalho feminino fora de casa ao longo das últimas décadas. No pólo oposto temos não só países que, nas últimas décadas e em termos de política de família, mantiveram um forte apoio ao modelo do provedor masculino e à saída (total ou parcial) do mercado de trabalho para as mulheres com crianças pequenas (Grã-Bretanha, Irlanda, Holanda, Suíça, Alemanha Ocidental), mas também os países do alargamento europeu que adoptaram mais recentemente uma política de saída parcial ou total das mulheres com crianças do mercado de trabalho (abandonando também, na época pós-soviética, a política de equipamentos para as famílias com crianças). Por outras palavras, podemos pensar que é sobretudo em países onde existe um reconhecimento forte e legitimado do trabalho feminino a tempo inteiro (e práticas que caminharam nesse sentido durante várias décadas, sem serem postas em causa nos anos 90, como nos países do alargamento) que também emergem atitudes mais concordantes relativamente a um aumento da participação masculina no trabalho não pago. No fundo, os dados sugerem que uma lógica de «duplo emprego a tempo inteiro» também facilita a emergência de atitudes de forte apoio ao «duplo cuidar» em casa.

Por último, no índice do emprego e maternidade, Portugal situa-se na posição mais conservadora de todos os países e ao lado de vários países do alargamento europeu, da Espanha e da Suíça. Mais uma vez, a tentação de tentar interpretar esta situação em função das práticas é grande, pensando, nomeadamente, nas longas horas de trabalho das mulheres

**Quadro 5.7 – Atitudes face aos papéis de género e divisão familiar do trabalho**  
(médias dos índices)

Índice de divisão do trabalho pago		Índice de divisão do trabalho não pago		Índice de emprego e maternidade	
Todos os países	3,19	Todos os países	3,77	Todos os países	3,18
Alemanha de Leste	3,72	Espanha	4,14	Alemanha de Leste	3,80
Suécia	3,51	Portugal	4,11	Suécia	3,61
Noruega	3,39	França	3,96	Noruega	3,45
Espanha	3,36	Finlândia	3,85	Finlândia	3,41
Holanda	3,30	Suécia	3,78	Irlanda do Norte	3,28
França	3,27	República Checa	3,74	Grã-Bretanha	3,26
Portugal	3,18	Polónia	3,74	Irlanda	3,26
Alemanha Ocidental	3,17	Noruega	3,71	França	3,23
Irlanda	3,17	Suíça	3,69	Alemanha Ocidental	3,19
Finlândia	3,15	Irlanda do Norte	3,67	Holanda	3,18
Irlanda do Norte	3,11	Eslováquia	3,67	República Checa	3,12
Suíça	3,11	Irlanda	3,65	Eslováquia	3,11
República Checa	3,08	Alemanha Ocidental	3,62	Polónia	3,04
Grã-Bretanha	3,03	Alemanha de Leste	3,62	Espanha	3,01
Polónia	3,03	Grã-Bretanha	3,62	Suíça	2,96
Eslováquia	2,94	Hungria	3,58	Hungria	2,87
Hungria	2,88	Holanda	3,43	Portugal	2,61

$F(16, 17841) = 72,58, p < 0,001, \eta^2 = 0,06$        $F(6, 20911) = 79,03, p < 0,001, \eta^2 = 0,06$        $F(6, 20586) = 77,34, p < 0,001, \eta^2 = 0,06$

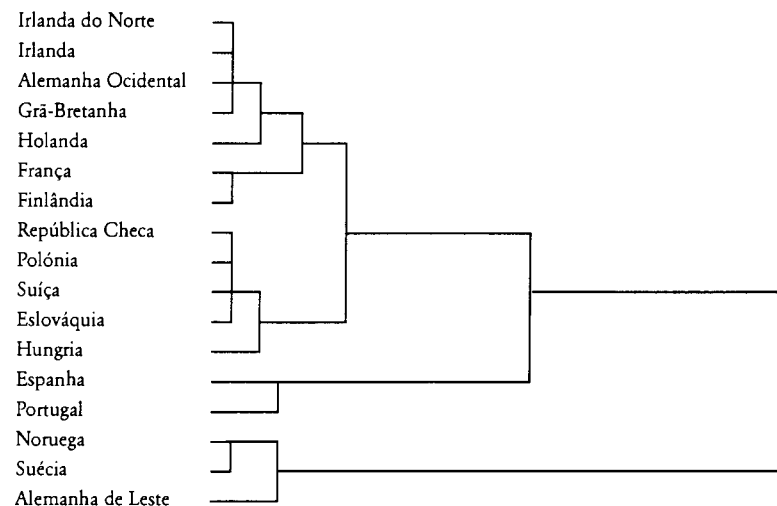
Escala: 1 – papel mais conservador a 5 – papel mais liberal.

portuguesas, tanto no trabalho pago como não pago, e no impacto que essas condições podem ter nas atitudes, levando as pessoas a salientar o impacto negativo do emprego feminino sobre a maternidade, os cuidados à criança e a vida familiar em geral. É uma maneira de olhar para este resultado. No entanto, tendo em conta a forte centralidade da criança e dos filhos nos valores das famílias portuguesas (uma fatia importante dos portugueses concorda com a frase «as pessoas que nunca tiveram filhos têm vidas vazias»; v. Aboim, capítulo 1), seríamos tentados a dizer que esta atitude também pode traduzir o lugar fundamental dos filhos e das tarefas domésticas na identidade e nos domínios de gratificação da população portuguesa. Neste contexto, as atitudes revelam alguma ambiguidade. Por um lado, concorda-se com o duplo emprego e a independência da mulher através do emprego; por outro, dada a centralidade dos filhos e da vida doméstica, considera-se que o emprego feminino não permite fazer as tarefas domésticas e cuidar dos filhos como se gostaria. Reflete também, muito provavelmente, o facto de a maioria dos portugueses valorizar mais o papel da mãe do que o do

pai para tratar das crianças, o que significa que, tal como nos países mais conservadores, que preferem que seja a mãe a tratar das crianças pequenas, também os portugueses sublinham o papel importante e quase insubstituível da mãe nos cuidados à criança pequena. Aliás, no EVS de 1999, os resultados mostraram que os portugueses acreditam menos do que os inquiridos de outros países que os homens pais sejam tão capazes como as mães de cuidar de uma criança (Almeida, 2003).

Os resultados obtidos através de um dendrograma construído com os mesmos índices e para os mesmos quinze países mudam pouco este panorama (figura 5.2 e quadro 5.8). Ressaltam, basicamente, cinco grupos. O grupo dos países do alargamento europeu e a Suíça têm valores sistematicamente abaixo da média em todos os índices, apresentando-se, assim, como o grupo de países globalmente mais conservadores (quadro 5.8). O grupo da Europa central, se assim podemos dizer, é também bastante conservador; no entanto, por comparação com o grupo anterior, apoia menos o modelo do provedor masculino e apresenta valores próximos da média no que diz respeito ao impacto do emprego feminino nas crianças e na vida familiar. O grupo da Europa do Sul, composto aqui pela Espanha e por Portugal, é o que apresenta mais claramente um misto de atitudes conservadoras e modernas: valores médios ou ligeiramente acima da média no índice do trabalho pago, valores elevados no índice do trabalho não pago e valores muito conservadores no índice do emprego e maternidade. O grupo seguinte contém a França e a Finlândia. Distingue-se por valores médios ou ligeiramente acima da média no índice do trabalho pago, por valores também muito elevados no índice do trabalho não pago e um pouco acima da média no índice maternalista. Os outros países escandinavos (Suécia, Noruega) e a Alemanha de Leste são, pelo contrário, muito pouco conservadores no índice maternalista (ou seja, não acham de todo que o trabalho da mulher tem um impacto negativo na criança e na família) e são também os que mostram valores mais elevados no índice do trabalho pago. Face aos diferentes enunciados sobre o trabalho pago, valorizam claramente o papel da mulher que trabalha (e não a dona de casa) e são também os que concordam *menos* que a mulher *deve ficar em casa* quando tem uma criança muito pequena (19% na Suécia, comparados com 36% em Espanha, 39% na República Checa, 43% em França e em Portugal, 52% na Alemanha Ocidental e 56% na Grã-Bretanha; v. anexo, quadro 5.19). No entanto, no índice do trabalho não pago têm valores elevados, mas mais baixos do que a França, Portugal e a Finlândia.

Figura 5.2 – Atitudes face à divisão familiar do trabalho (dendrograma)  
(variáveis consideradas: três índices)



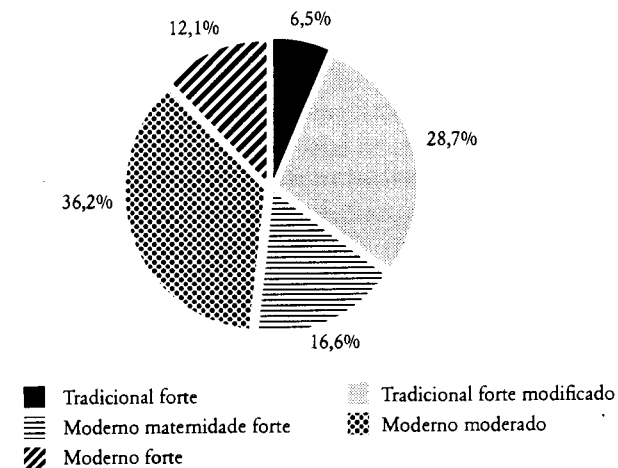
Quadro 5.8 – Atitudes face à divisão familiar do trabalho  
(médias dos índices)

	Índice de divisão do trabalho pago	Índice de divisão do trabalho não pago	Índice de emprego e maternidade
Hungria	2,88	3,58	2,87
República Checa	3,08	3,74	3,12
Polónia	3,03	3,74	3,04
Eslováquia	2,94	3,67	3,11
Suíça	3,11	3,69	2,96
Alemanha Ocidental	3,17	3,62	3,19
Grã-Bretanha	3,03	3,62	3,26
Irlanda do Norte	3,11	3,67	3,28
Irlanda	3,17	3,65	3,26
Holanda	3,30	3,43	3,18
Espanha	3,36	4,14	3,01
<b>Portugal</b>	<b>3,18</b>	<b>4,11</b>	<b>2,61</b>
França	3,27	3,96	3,23
Finlândia	3,15	3,85	3,41
Noruega	3,39	3,71	3,45
Suécia	3,51	3,78	3,61
Alemanha de Leste	3,72	3,62	3,80
Total	3,19	3,77	3,18

## Uma perspectiva comparada: padrões atitudinais face à divisão familiar do trabalho em sete países europeus

Os cinco padrões atitudinais descritos para Portugal foram também os que encontramos em Espanha. No entanto, como se pode observar na figura 5.3, as percentagens relativas a cada tipo de padrão são ligeiramente diferentes. Os padrões tradicionais representam, tal como em Portugal, cerca de um terço do total (35%; 34% em Portugal). O padrão *moderno maternidade forte* apenas representa 17% (28% em Portugal) e os dois padrões mais modernos representam, juntos, 48%, embora o padrão predominante seja o *moderno moderado* (36%) e o *moderno forte* atinja apenas 12% do total (15% em Portugal). As grandes tendências são assim bastante semelhantes: o *tradicional forte* e o *moderno forte* como padrões minoritários, o *tradicional modificado*, o *moderno maternidade forte* e o *moderno moderado* como padrões predominantes. No caso português sobressai mais o padrão *moderno maternidade forte* e em Espanha o *moderno moderado*.

Figura 5.3 – Principais padrões de atitudes face aos papéis de género, Espanha  
(n = 1993)



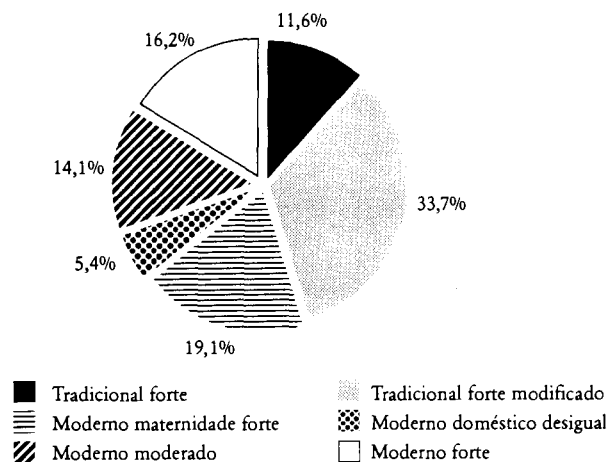
Comparando estes padrões com os da República Checa (figura 5.4), notam-se algumas diferenças importantes. Ressalta, desde logo, uma

proporção elevadíssima dos padrões *tradicional forte*, que representam, no seu conjunto, quase metade do total (45%). Aliás, o padrão dominante é o *tradicional forte modificado* (34%), aquele em que os entrevistados concordam com o modelo do homem como principal provedor da família (adicionando um pouco de companheirismo doméstico). No lado oposto, os padrões *moderno moderado* e *moderno forte* atingem, em conjunto, os valores mais baixos encontrados nos sete países (30%), enquanto o *moderno maternidade forte* se revela bastante importante (19%) e o *moderno doméstico desigual*, um padrão atitudinal que não encontramos na Europa do Sul, claramente minoritário (5,4%). Do ponto de vista dos índices, este último padrão de atitudes tem valores relativamente elevados, ou seja, «modernos», nas atitudes face ao trabalho pago e nas atitudes face ao emprego e à maternidade. Pelo contrário, as atitudes face ao trabalho não pago são muito conservadoras, semelhantes aos valores encontrados no padrão *tradicional forte*, o que significa que estes inquiridos não concordam de todo que o homem devia fazer mais em casa.

Em resumo, apesar de ser considerado o país mais «social-democrata» dos países do alargamento, a República Checa apresenta actualmente um conjunto de padrões que retomam, em grande medida, os papéis de género associados ao homem que sustenta a família e à mulher que cuida dos filhos e das tarefas domésticas. Um dos elementos que podem explicar este perfil é a promoção e a prática do regresso da mulher a casa quando existem crianças pequenas (observando-se, aliás, uma proporção muito elevada – 73% – de respondentes com filhos abaixo dos 6 anos que não trabalham; cf. anexo, quadro 5.21). Nos anos a seguir à queda da União Soviética, a política de família não só valorizou explicitamente o modelo dos cuidados maternos em casa, como promoveu, através de medidas governamentais, o regresso a casa de mulheres com filhos, instituindo, por exemplo, uma licença parental de quatro anos, a mais extensa de todos os países europeus. O que se observa como resultado destes desenvolvimentos, por contraste com os países membros mais antigos, é uma população cujas atitudes se dividem ao meio de uma forma mais marcada, metade nitidamente associada a padrões *tradicionalis fortes*, metade repartindo-se entre um padrão *maternidade forte* e padrões mais *modernos*.

A par da República Checa, que se revelou até agora o país com a percentagem mais elevada dos padrões tradicionais, a Alemanha Ocidental também apresenta uma fatia importante de padrões atitudinais mais tradicionais. No entanto, se se compararem os padrões checos

Figura 5.4 – Principais padrões de atitudes face aos papéis de género, República Checa (n = 1121)



com os da Grã-Bretanha e os da Alemanha Ocidental (figuras 5.5 e 5.6 e quadro 5.9), notamos mais diversidade e uma maior graduação nos padrões. Tanto num país como no outro aparece um padrão *tradicional* com valores intermédios apenas ligeiramente acima do *tradicional forte* (quadro 5.9). Contudo, se olharmos para os três padrões tradicionais juntos, é a Alemanha Ocidental que atinge um valor francamente elevado, emergindo também claramente como um país caracterizado por padrões atitudinais mais próximos do modelo do homem provedor: 46%, quase metade do total, na Alemanha Ocidental, comparados com apenas 36% na Grã-Bretanha.

No caso da Alemanha Ocidental é importante referir, mais uma vez, as políticas governamentais que implementaram, ao longo da última década, medidas que encorajam as mulheres com filhos pequenos a ficar em casa e, dada a ausência de uma política de serviços e de ocupação dos alunos da escola primária da parte da tarde, que desincentivam as mulheres com filhos pequenos ou em idade escolar primária de trabalhar, pelo menos a tempo inteiro (com filhos abaixo dos 6 anos, 60% das mulheres não trabalham, 24% trabalham a tempo parcial, 13% a tempo inteiro; na Grã-Bretanha estes valores são diferentes, sobressaindo mais o trabalho a tempo parcial e a tempo inteiro: 43% em casa, 32% a tempo parcial, 25% a tempo inteiro; v. anexo, quadro 5.21).

O padrão *moderno maternidade forte* assume percentagens bastante semelhantes (15% na Grã-Bretanha e 18% na Alemanha Ocidental), observando-se depois uma presença pouco elevada em ambos os países do padrão *moderno doméstico desigual* (11% do total na Grã-Bretanha e 8% na Alemanha Ocidental). Por último, os perfis de atitudes globalmente mais modernas representam uma franja significativa na Grã-Bretanha (38%), mas apenas 29% do total na Alemanha Ocidental.

A Grã-Bretanha apresenta-se, assim, com um perfil globalmente diferente da Alemanha Ocidental. Considerado pelos analistas do *welfare state* um país liberal que entrega à família e ao mercado a função de regular os cuidados às crianças pequenas, é um país cujo perfil se destaca pela ausência de um ou dois padrões claramente predominantes e proporções bastante equivalentes dos diferentes padrões atitudinais existentes. Neste contexto seria, provavelmente, importante lembrar a influência de dois factores estruturais ao longo dos últimos anos: por um lado, uma mudança no sentido de criar mais serviços de apoio para as famílias e licenças de maternidade um pouco mais longas e remuneradas para as mães trabalhadoras; por outro, o baixo nível de desemprego e o crescimento económico. Em todo o caso, em comparação com os países que têm explícita e quase unicamente uma política do ficar em casa quando as crianças são muito pequenas, o resultado em termos das atitudes parece ser bastante diferente: observam-se as opções

Figura 5.5 – Principais padrões de atitudes face aos papéis de género, Alemanha Ocidental (n = 646)

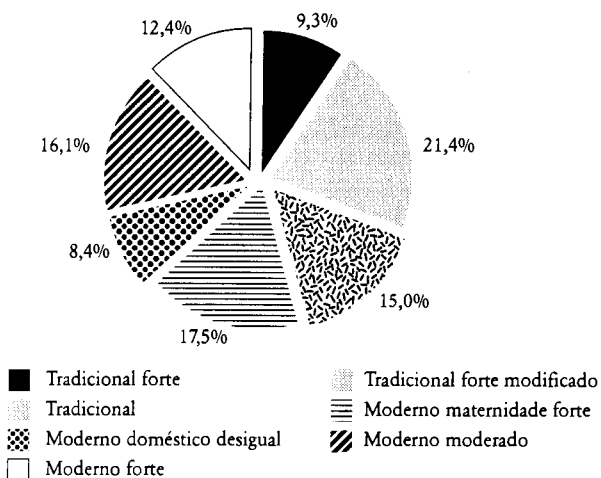
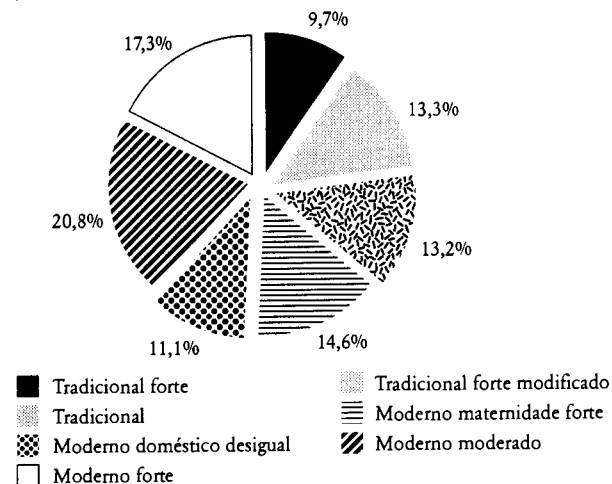


Figura 5.6 – Principais padrões de atitudes face aos papéis de género, Grã-Bretanha (n = 1494)



Quadro 5.9 – Principais padrões de atitudes face à divisão familiar do trabalho, Grã-Bretanha (médias para os três índices\*; n = 1494)

Principais padrões	Três índices - médias		
	Índice de divisão do trabalho pago $\alpha = 0,25$	Índice de divisão de trabalho não pago $r = 0,70, p < 0,001$	Índice de emprego e maternidade $\alpha = 0,45$
<b>Todas as respostas individuais</b>	<b>3,03</b>	<b>3,63</b>	<b>3,22</b>
1. Tradicional forte	2,45	2,70	1,98
2. Tradicional forte modificado	2,37	3,98	2,01
3. Tradicional	2,79	2,99	3,08
4. Moderno maternidade forte	3,11	4,11	2,61
5. Moderno doméstico desigual	3,40	2,62	4,08
6. Moderno moderado	2,98	3,99	3,73
7. Moderno forte	3,83	4,19	4,29
	$F(6, 1486) = 320,42, p < 0,001, \eta^2 = 0,56$	$F(6, 1486) = 534,75, p < 0,001, \eta^2 = 0,68$	$F(6, 1486) = 1166,29, p < 0,001, \eta^2 = 0,83$

atitudinais mais variadas, a par de uma aderência bastante mais forte aos padrões modernos.

No quadro dos sete países, a França é um país com algumas características que se destacam. Em primeiro lugar, os dois tipos de padrões tradicionais existem, mas representam, juntos, um valor mais baixo do que nos países anteriores (28%). Em segundo lugar, os padrões modernos,

embora não representem, no seu conjunto, uma percentagem mais elevada do que nos outros países (30%), são ligeiramente mais modernos, assumindo, por exemplo, no perfil *moderno forte*, valores nos três índices que estão mais próximos do valor máximo da escala (5). O peso relativo e considerável (33%) de um padrão que intitulámos *moderno maternidade moderada* também é interessante. Neste padrão, a França tem valores médios nos índices do trabalho pago e não pago e um valor abaixo da média no índice maternalista. Dado que é menos marcadamente conservador (do que nos países já analisados), chamámos a este padrão atitudinal *moderno maternidade moderada*, em vez de *maternidade forte*. Globalmente, no entanto, parece-nos responder a componentes semelhantes do perfil do *moderno maternidade forte*. A explicação encontra-se, talvez, na mistura particular de atitudes bastante familialistas e de atitudes muito positivas face ao trabalho feminino. Em França, embora o apoio e a aceitação da mulher que trabalha sejam fundamentais, também existem valores familiares que realçam a importância da parentalidade, dos filhos e dos cuidados maternos quando a criança é muito pequena. As atitudes face ao impacto do emprego feminino não são tão conservadoras como em Portugal, mas a importância dos cuidados familiares quando a criança é muito pequena é bastante enfatizada. Por exemplo, na pergunta sobre a opinião do inquirido em relação ao facto de a mulher trabalhar quando existe uma criança pequena, 44% dos franceses (44% dos portugueses) achavam que a mulher devia ficar em casa, 47% (44% dos portugueses) que a mãe devia trabalhar a tempo parcial e apenas 10% (12% em Portugal) que devia trabalhar a tempo inteiro. Por último, o padrão *moderno doméstico desigual*, em que, como já vimos anteriormente, existe uma atitude muito conservadora face ao papel masculino nas tarefas domésticas e nos cuidados às crianças, atinge em França uma percentagem bastante elevada de 9%.

Por último, na Suécia, os traços que acabámos de salientar para a França surgem de forma mais acentuada. Os padrões tradicionais encolhem para 20% do total, o valor mais baixo dos sete países, e os padrões muito modernos representam um terço do total. No entanto, tal como em França, os padrões *moderno maternidade moderada* e *moderno doméstico desigual* estão presentes, com valores significativos (respectivamente 37% e 10%). Em suma, os suecos dividem-se, *grosso modo*, entre dois grandes padrões atitudinais: um muito moderno, claramente a favor do trabalho feminino, da participação masculina em casa e do emprego da mãe mesmo quando as crianças são pequenas; um segundo (*maternidade moderada*), moderno mas com atitudes um pouco mais conservadoras

Figura 5.7 – Principais padrões de atitudes face aos papéis de género, França  
(n = 1546)

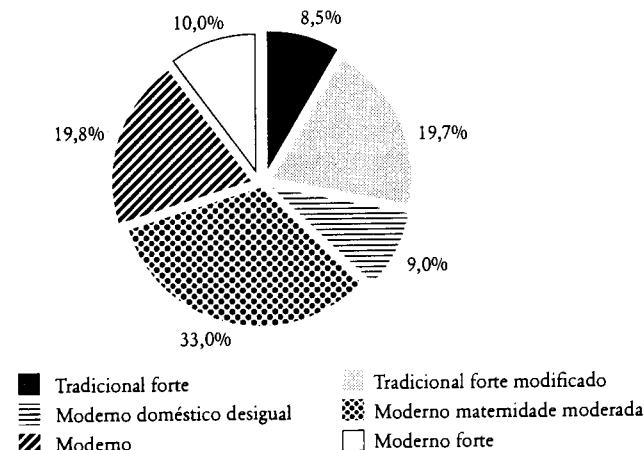
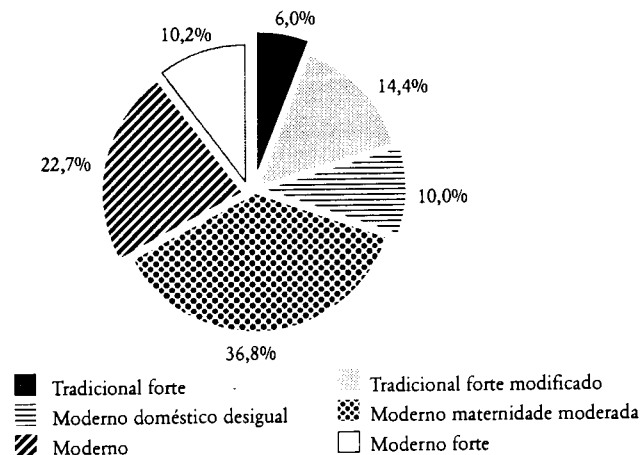


Figura 5.8 – Principais padrões de atitudes face aos papéis de género, Suécia  
(n = 772)



em relação ao trabalho feminino e ao papel doméstico masculino e também uma certa concordância em relação ao impacto negativo do emprego sobre as crianças pequenas que ainda não entraram para a escola.

## Análise do impacto de alguns factores determinantes nos padrões atitudinais

Para medir o impacto de diferentes factores nos padrões atitudinais encontrados reunimos um conjunto de variáveis demográficas, sociais e de vida profissional possíveis de utilizar para os sete países em análise (v. descrição e codificação das variáveis usadas no anexo, quadro 5.20). A análise de regressão foi efectuada para quatro padrões: o *moderno forte*, o *tradicional forte modificado*, o *moderno maternidade forte* e o *moderno doméstico desigual*.

a) *Moderno forte*. A regressão logística realizada para o perfil de atitudes mais modernas mostra para os sete países (quadro 5.10) o impacto mais significativo de dois factores: a condição perante o trabalho da mulher (quanto mais trabalho a tempo inteiro, mais atitudes modernas fortes) e o nível de educação (mais anos de escolaridade, mais atitudes modernas). A prática religiosa (menos prática religiosa, atitudes mais modernas) também tem algum impacto, mas a situação conjugal já muito menos (os que não são casados são mais modernos).

**Quadro 5.10 – Regressão logística – padrão «moderno forte»**  
(sete países;  $n = 4037$ )

Variáveis independentes	B	Wald	Sig.
Estado civil	0,19	4,09	0,04
Condição da mulher perante o trabalho	0,25	102,66	0,00
Educação: número de anos na escola	0,09	50,90	0,00
Prática religiosa	0,13	25,26	0,00
Nagelkerke $R^2 = 0,08$			

País a país (quadro 5.11), os modelos explicativos variam ligeiramente. Em Portugal, para além do impacto habitual e muito significativo do nível de escolaridade (mais escolaridade, mais adesão ao padrão *moderno forte*) e de alguma importância da prática religiosa (menos prática religiosa, mais atitudes modernas)<sup>4</sup>, nota-se apenas uma ligeira influência do posicionamento político (mais à direita, mais atitudes

<sup>4</sup> Este resultado tem de ser lido à luz do contexto português, onde, para além de inquiridos que se situam muito à esquerda, o que, como sabemos, não significa serem necessariamente mais modernos face aos papéis de género, e poucos na extrema-direita, a maioria concentra-se no centro, no centro-direita e à direita. Assim, este resultado significa sobretudo que são os inquiridos que se colocam na escala esquerda-direita mais para o centro ou centro-direita.

**Quadro 5.11 – Regressão logística – padrão «moderno forte» por país**

		B	Wald	Sig.
<b>Alemanha Ocidental</b>	Educação: número de anos na escola	0,18	19,08	0,00
	Nagelkerke $R^2 = 0,17$ Condição da mulher perante o trabalho	0,42	23,97	0,00
<b>Grã-Bretanha</b>	Número de pessoas do agregado familiar:			
	crianças com menos de 5/6 anos de idade	0,48	9,85	0,00
	Número de horas de trabalho da mulher por semana	0,02	28,40	0,00
<b>Suécia</b>	Idade	0,02	28,40	0,00
	Nagelkerke $R^2 = 0,09$ Sexo	-0,03	6,17	0,01
	Educação: número de anos na escola	0,70	5,46	0,02
<b>República Checa</b>	Sexo	0,15	11,80	0,00
	Nagelkerke $R^2 = 0,06$ Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	1,01	16,74	0,00
<b>Espanha</b>	Educação: número de anos na escola	0,51	5,90	0,02
	Nagelkerke $R^2 = 0,11$ Prática religiosa	0,06	6,05	0,01
	Número de pessoas do agregado familiar:			
	crianças com menos de 5/6 anos de idade	0,17	7,50	0,01
	Condição da mulher perante o trabalho	0,01	3,89	0,05
<b>França</b>	Educação: número de anos na escola	0,33	26,60	0,00
	Nagelkerke $R^2 = 0,12$ Prática religiosa	0,22	13,98	0,00
	Condição da mulher perante o trabalho	0,30	5,25	0,02
<b>Portugal</b>	Educação: número de anos na escola	0,23	10,64	0,00
	Nagelkerke $R^2 = 0,14$ Prática religiosa	0,16	24,37	0,00
	Posicionamento político: esquerda-direita	0,25	10,80	0,00
	Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	0,16	3,84	0,05
	Número de horas de trabalho do homem por semana	0,36	5,01	0,03

modernas) e algum efeito da conciliação entre vida profissional e vida familiar (menos dificuldade em conciliar, mais atitudes modernas) e do número de horas de trabalho masculino (menos horas, mais atitudes modernas).

Em Espanha, onde metade das mulheres em idade activa é doméstica e apenas um terço trabalha a tempo inteiro (anexo, quadro 5.21), é sobretudo a condição perante o trabalho da mulher que sobressai (quanto mais trabalho a tempo inteiro, mais atitudes modernas), mas também se nota a influência, como em Portugal, da prática religiosa e do nível de educação. Importa lembrar que os níveis de educação em Espanha são mais elevados do que em Portugal, o que pode em parte explicar alguma adesão (12% dos inquiridos) a padrões modernos fortes de divisão familiar do trabalho, apesar de as condições concretas de par-

ticipação feminina no mercado de trabalho terem sido difíceis ao longo dos anos 80 e 90 (com taxas elevadas de desemprego e poucos serviços de apoio às famílias). Por último, evidencia-se a influência, já menos significativa, da existência de crianças com menos de 5/6 anos no agregado<sup>5</sup>. Neste caso apenas podemos colocar uma hipótese: a de que os casais mais jovens com crianças aderem mais facilmente a um padrão *moderno forte* porque no contexto actual a empregabilidade das mulheres e os equipamentos para crianças estão em mudança (por exemplo, a taxa de actividade feminina em Espanha, embora continue baixa comparativamente, tem aumentado regularmente; por outro lado, a taxa de cobertura das crianças dos 3 aos 6 anos em jardins-de-infância também já é elevada, atingindo a quase totalidade das crianças deste grupo de idade) (Escobar, 2004).

De realçar, por outro lado, que nos países em que os padrões *moderno forte* e *moderno* são mais salientes (França e Suécia) o nível de educação é também a variável que tem mais impacto. Em França a condição perante o trabalho da mulher também tem influência (mais próximo do trabalho a tempo inteiro, mais atitudes modernas) e na Suécia, curiosamente, aparecem, em interacção com a escolaridade, e apesar de serem factores menos significativos, o sexo (quanto mais mulher, mais atitudes modernas fortes) e a idade (quanto mais novo, mais moderno).

Nos outros países em que a adesão ao padrão *moderno forte* era menos relevante (Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, República Checa, para além da Espanha e de Portugal) podemos verificar que nos dois primeiros é sobretudo a variável do trabalho feminino que tem mais impacto. No entanto, enquanto o modelo para a Alemanha Ocidental, baseado nos factores da escolaridade e do emprego feminino, é muito explicativo, no caso da Grã-Bretanha, que associa atitudes favoráveis ao padrão moderno forte a mais horas de trabalho feminino e à existência de crianças pequenas no agregado, o modelo é muito pouco preditivo. A Grã-Bretanha surge, assim, como um país em que os factores sociais são pouco explicativos, dando a entender que o padrão *moderno forte* é mais transversal aos níveis de educação, à prática religiosa, à idade ou ao sexo. Aliás, na República Checa temos uma situação parecida. Neste país o modelo explicativo salienta sobretudo

<sup>5</sup> A grande maioria dos agregados, em todos os países, concentra-se entre 0 e 1 filho com menos de 5/6 anos. Por isso, ao falar deste factor será mais correcto falar no factor «existência» de agregados com crianças desta idade, e não no factor de «quanto mais crianças, mais atitudes modernas».

o factor sexo (mais mulher, mais atitudes modernas) e poucas dificuldades de conciliação.

b) *Tradicional forte modificado* (ou com *companheirismo doméstico*). A regressão logística efectuada para o padrão *tradicional forte modificado* indica, a nível dos sete países (quadro 5.12), uma interacção entre vários factores, todos bastante significativos: a existência de trabalho feminino mas com menos horas de trabalho, homens a trabalhar a tempo inteiro, mais idade, menos anos de escolaridade, a influência do posicionamento político (mais à direita, mais tradicional), a existência de crianças pequenas no agregado doméstico e algumas dificuldades em conciliar a vida profissional e a vida familiar.

País a país (quadro 5.13), mais uma vez, as configurações explicativas variam. Em Portugal é o número menor de anos de escolaridade que emerge como grande factor explicativo, enquanto em Espanha é a escolaridade, mas também a idade, embora ambos estes factores sejam pouco preditivos.

Na Grã-Bretanha e na Alemanha Ocidental encontramos nos dois modelos o factor menos horas de trabalho feminino. No entanto, enquanto na Alemanha Ocidental um nível mais baixo de escolaridade e também o facto de ser casado se associam ao factor menos horas de trabalho feminino, na Grã-Bretanha o factor escolaridade continua a não aparecer, emergindo, pelo contrário, a prática religiosa (mais prática religiosa, mais adesão ao padrão *tradicional forte modificado*).

Nos países onde este modelo tem um peso menor, os modelos explicativos não assentam em factores muito diferentes. Tanto em França como na Suécia sobressaem a idade (mais idade) e menos anos de escolaridade. Em França a prática religiosa regular também emerge, enquanto na Suécia sobressai, como um factor muito significativo, a dificuldade de concentração no trabalho e também a condição perante o trabalho do homem (mais tempo inteiro), levando talvez estes factores a uma atitude de maior exigência de partilha conjugal das tarefas.

Por último, na República Checa aparece um único e repetido factor explicativo, o sexo (mais mulher, mais padrão *tradicional modificado*). Como o mesmo factor apareceu como factor explicativo das atitudes mais modernas, poder-se-á colocar a hipótese de haver uma clivagem forte, neste momento, não só entre as atitudes dos homens (globalmente mais conservadores) e das mulheres, mas também no interior do grupo das mulheres, onde uma grande parte assume hoje atitudes muito conservadoras do ponto de vista da família e da divisão familiar do



**Quadro 5.12 – Regressão logística – padrão «tradicional forte modificado»**  
(sete países;  $n = 4663$ )

Variáveis independentes	B	Wald	Sig.
Condição do homem perante o trabalho	0,13	7,14	0,01
Condição da mulher perante o trabalho	0,25	14,13	0,00
Número de horas de trabalho da mulher por semana	-0,02	17,68	0,00
Idade	0,02	27,46	0,00
Educação: número de anos na escola	-0,06	26,92	0,00
Posicionamento político: esquerda-direita	0,07	17,29	0,00
Dificuldade de concentração no trabalho	-0,21	15,38	0,00
Número de pessoas do agregado familiar: crianças com menos de 5/6 anos de idade	0,01	24,28	0,00
Nagelkerke $R^2 = 0,05$			

**Quadro 5.13 – Regressão logística – padrão «tradicional forte modificado» por país**

		B	Wald	Sig.
<b>Alemanha Ocidental</b> Nagelkerke $R^2 = 0,08$	Educação: número de anos na escola	-0,09	4,33	0,04
	Estado civil	-0,91	8,01	0,01
<b>Grã-Bretanha</b> Nagelkerke $R^2 = 0,02$	Número de horas de trabalho da mulher por semana	-0,01	4,22	0,04
	Prática religiosa	-0,16	7,16	0,01
<b>Suécia</b> Nagelkerke $R^2 = 0,11$	Idade	0,03	7,63	0,01
	Educação: número de anos na escola	-0,11	8,78	0,01
	Dificuldade de concentração no trabalho	-0,69	14,70	0,00
	Condição do homem perante o trabalho	0,13	3,79	0,05
<b>República Checa</b> Nagelkerke $R^2 = 0,04$	Sexo	0,71	14,89	0,00
<b>Espanha</b> Nagelkerke $R^2 = 0,03$	Educação: número de anos na escola	-0,05	4,49	0,03
	Idade	0,02	4,97	0,03
<b>França</b> Nagelkerke $R^2 = 0,11$	Idade	0,04	12,75	0,00
	Educação: número de anos na escola	-0,10	6,56	0,01
	Prática religiosa	-0,17	4,75	0,03
	Número de horas de trabalho da mulher por semana	0,01	6,15	0,01
<b>Portugal</b> Nagelkerke $R^2 = 0,12$	Educação: número de anos na escola	-0,18	19,35	0,00

trabalho. De qualquer forma, como já verificámos, são neste momento as atitudes mais conservadoras que predominam na República Checa: o padrão atitudinal *tradicional forte modificado* representa, só por si, um terço do total e o padrão *tradicional forte* 12%, sendo o único país onde estes perfis têm valores tão elevados.

c) *Moderno maternidade forte*. A regressão logística efectuada para este padrão de atitudes (quadros 5.14 e 5.15), que combina um contraste entre atitudes modernas em relação ao trabalho pago e não pago e atitudes conservadoras em relação ao impacto do emprego feminino sobre os cuidados maternos, revela, para os sete países no seu conjunto, uma configuração explicativa centrada na dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares (factor mais significativo), no factor menos anos de escolaridade e no de maior prática religiosa. No entanto, temos de sublinhar que o valor do  $R^2$  é muito baixo, indicando que este padrão atitudinal se liga a um modelo explicativo muito pouco preditivo. De facto, os dados sublinham um perfil de atitudes mais transversal aos meios sociais, aos grupos etários ou a posicionamentos políticos. Em Portugal, por exemplo, é um dos padrões atitudinais mais transversais aos meios sociais, ao contrário de outros, muito tradicionais ou muito modernos, que se ligam claramente a determinados factores sociais ou demográficos (v. quadro 5.4).

País a país, sobressai sobretudo o factor da dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares (Portugal, Grã-Bretanha), o facto de não viver em conjugalidade (Alemanha Ocidental) e, no caso da República Checa, a prática religiosa regular.

Por outro lado, quando observamos os factores determinantes do padrão *moderno maternidade moderada* (quadro 5.16), verificamos que na Suécia o padrão se associa a duas outras variáveis – a idade (indivíduos mais velhos) e um número elevado de pessoas a viver no agregado doméstico –, enquanto em França sobressaem os factores acima mencionados: mais dificuldades em cumprir as responsabilidades familiares, menos horas de trabalho feminino e masculino, níveis de educação mais baixos, não ser casado/coabitante.

**Quadro 5.14 – Regressão logística – padrão «moderno maternidade forte»**  
(cinco países;  $n = 2608$ )

Variáveis independentes	B	Wald	Sig.
Educação: número de anos na escola	-0,03	5,16	0,02
Prática religiosa	-0,05	4,72	0,03
Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	-0,21	19,26	0,00
Nagelkerke $R^2 = 0,02$			

**Quadro 5.15 – Regressão logística – padrão «moderno maternidade forte» por país**

		B	Wald	Sig.
<b>Alemanha Ocidental</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,02$	Estado civil	0,67	6,05	0,01
<b>Grã-Bretanha</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,01$	Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	-0,25	5,82	0,02
<b>República Checa</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,01$	Prática religiosa	-0,13	4,46	0,04
<b>Portugal</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,02$	Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	-0,25	5,83	0,02
<b>Espanha</b>		-	-	-

**Quadro 5.16 – Regressão logística – padrão «moderno maternidade moderada» por país**

		B	Wald	Sig.
<b>Suécia</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,05$	Idade	0,03	17,16	0,00
	Número de pessoas do agregado familiar	0,25	13,15	0,00
<b>França</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,06$	Anos de escolaridade	-0,08	5,97	0,02
	Horas de trabalho prof. masculino	-0,02	11,35	0,00
	Horas de trabalho prof. feminino	-0,02	6,87	0,01
	Estado civil	0,45	5,19	0,02
	Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	-0,28	8,25	0,00

a) *Moderno doméstico desigual* (atitudes modernas em relação ao trabalho feminino e ao impacto do trabalho feminino nos cuidados maternos e na vida familiar, atitudes conservadoras em relação à divisão do trabalho doméstico, no sentido de não aumentar a participação masculina). A regressão logística realizada para o conjunto dos sete países (quadro 5.17) sublinha um perfil explicativo centrado em pessoas mais novas, casadas e a viver em agregados com mais pessoas, em que as mulheres estão mais em casa ou a trabalhar a tempo parcial, estando estes factores ligados a uma menor dificuldade em responder e cumprir as responsabilidades familiares.

A regressão logística realizada para este padrão em cada país mostra um padrão atitudinal baseado em factores explicativos bastante diferentes do anterior e um pouco mais preditivos (quadro 5.18). Com efeito, se olharmos para o modelo explicativo em França (um dos países

que apresentam um valor mais elevado neste padrão atitudinal), verifica-se que o modelo explicativo faz apelo a quatro factores: pessoas mais novas, casadas e do sexo masculino e o facto de terem poucas dificuldades em cumprir com as responsabilidades familiares. Na Grã-Bretanha, o modelo explicativo também se baseia em dois destes factores: as pessoas serem mais novas e terem pouca dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares. No entanto, na Suécia e também na Alemanha o modelo explicativo é ligeiramente diferente. Na Alemanha Ocidental, por exemplo, mais do que a idade e o estado civil, sobressai não só a facilidade de cumprir as responsabilidades familiares, mas

**Quadro 5.17 – Regressão logística – padrão «moderno doméstico desigual» (cinco países;  $n = 3546$ )**

Variáveis independentes	B	Wald	Sig.
Condição da mulher perante o trabalho	-0,19	5,07	0,02
Horas de trabalho prof. da mulher por semana	0,02	11,27	0,00
Estado civil	-0,37	7,05	0,01
Idade	-0,02	12,57	0,00
Número total de pessoas no agregado doméstico	0,30	8,41	0,00
Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	0,33	22,79	0,00
Nagelkerke $R^2 = 0,04$			

**Quadro 5.18 – Regressão logística – padrão «moderno doméstico desigual» por país**

		B	Wald	Sig.
<b>França</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,10$	Estado civil	-0,94	9,77	0,00
	Sexo	-0,67	5,94	0,02
	Idade	-0,59	21,09	0,00
	Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	0,26	4,02	0,05
<b>Grã-Bretanha</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,04$	Idade	-0,03	10,16	0,00
	Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	0,34	7,56	0,01
<b>Suécia</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,03$	Prática religiosa	0,18	3,92	0,05
	Número de pessoas do agregado familiar: crianças com menos de 5/6 anos de idade	0,47	7,16	0,01
<b>República Checa</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,12$	Condição do homem perante o trabalho	0,60	11,96	0,00
	Prática religiosa	-0,29	6,88	0,01
<b>Alemanha Ocidental</b>				
Nagelkerke $R^2 = 0,05$	Número de pessoas do agregado familiar: crianças com menos de 5/6 anos de idade	0,80	9,23	0,00
	Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	0,39	3,84	0,05

sobretudo a existência de crianças pequenas com idade inferior aos 5/6 anos, podendo colocar-se a hipótese de uma situação, altamente provável neste país, de a mãe com crianças pequenas não estar a trabalhar ou trabalhar a tempo parcial.

A República Checa diferencia-se, mais uma vez, de todos os outros países. O modelo explicativo, que é bastante preditivo, baseia-se em duas variáveis: a prática religiosa regular e a condição perante o trabalho do homem (quanto mais trabalho a tempo inteiro, mais doméstico desigual).

## Conclusões

Ao longo das últimas décadas, a análise da divisão familiar do trabalho nas sociedades europeias tem revelado uma mudança clara em direcção a atitudes mais igualitárias tanto no âmbito do trabalho pago como no domínio dos cuidados e das tarefas domésticas. Apesar desta tendência geral, existe ainda uma grande diversidade de atitudes na sociedade ocidental, quase sempre retratada ao longo de um eixo tradicional-moderno. De um lado, países com atitudes mais modernas, enquadradas por um maior individualismo, pela valorização da mulher enquanto cidadã inserida em todos os domínios da sociedade e por um Estado-providência que promove a igualdade de género, a integração da mulher no mercado de trabalho e os serviços de apoio às famílias com crianças pequenas (tipicamente, a Suécia). No pólo oposto, países com atitudes tradicionais e familialistas, onde a realização da mulher se centra mais no universo doméstico e na maternidade, onde o Estado-providência tem apoiado pouco a integração da mulher no mundo do trabalho e desenvolvido de forma menos sistemática os serviços (tipicamente, os países da Europa do Sul e, mais recentemente, a maior parte dos países do alargamento). Entre os dois, países mais ou menos conservadores, com modelos de Estado-providência que delegam os cuidados às crianças no mercado e nas famílias, promovendo sobretudo o trabalho feminino a tempo parcial ou a saída do mercado de trabalho quando existem crianças pequenas ou em idade escolar (tipicamente, a Grã-Bretanha).

Face às várias limitações deste tipo de análise, que nos oferece uma imagem esquemática, e por vezes enviesada, da diversidade das atitudes face à divisão familiar do trabalho na Europa, procurámos neste capítulo seguir uma metodologia comparativa dupla.

1. Num primeiro momento fez-se uma análise comparativa clássica, situando quinze países europeus uns face a outros, mas com base em três índices considerados relevantes do ponto de vista teórico: um primeiro relativo às atitudes face à divisão do trabalho pago; um segundo sobre as atitudes face à participação do homem no trabalho não pago; um último relativo às atitudes face ao impacto do emprego feminino na vida familiar.

Os resultados mostram que Portugal ocupa uma posição específica. Um lugar intermédio, nem muito conservador nem muito moderno, situado entre os países escandinavos e alguns países da Europa central (Grã-Bretanha, Irlanda, Alemanha Ocidental, Holanda), no que diz respeito às atitudes face à divisão do trabalho pago: podemos dizer que a população portuguesa, no seu conjunto, recusa de forma moderada o modelo do homem provedor/mulher que cuida da casa e dos filhos. Ocupa depois uma posição muito «moderna» nas atitudes face a uma maior participação do homem na vida familiar. E o lugar mais conservador de todos os países quando se trata das atitudes face ao impacto do emprego feminino nos cuidados à criança pequena e na vida familiar em geral (visto como muito negativo pela população portuguesa, quando comparada com as dos outros países europeus).

Ao procurar avançar com alguns elementos de explicação para este perfil contrastante de atitudes, sublinhámos o efeito provável da centralidade dos filhos e da vida doméstica nos domínios de gratificação de muitas famílias portuguesas (Wall, 2005), o que tenderia a favorecer, num contexto fortemente marcado pelo trabalho feminino a tempo inteiro, uma configuração atitudinal de *duplo emprego do casal/duplo cuidar/maternalista*. O traçado maternalista – mãe que se dedica aos filhos pequenos e à vida familiar, tendo o trabalho a tempo inteiro um impacto pouco favorável sobre essas funções – é mais carregado nos padrões *tradicional modificado* e *moderno maternidade forte*, o primeiro associado a escolaridades baixas e idades mais avançadas, o segundo a mulheres, casadas, e às profissões intermédias (profissões técnicas e de enquadramento intermédio, empregados executantes, independentes e pequenos patrões do secundário e do terciário). Repare-se, por último, que esta configuração global de atitudes, assim descrita para o conjunto da população portuguesa, destoa da visão comum que se teve até agora na sociologia europeia das atitudes face aos papéis de género na sociedade portuguesa e segundo a qual se apontava, em Portugal, para um perfil geral centrado no homem provedor/mulher cuidadora e dona de casa. Na realidade, a situação é bem mais complexa, combinando o

concordar com duplo emprego/duplo cuidar com atitudes familialistas que sublinham o lado negativo deste modelo.

Quando olhamos para os grandes grupos de países, vemos Portugal ao lado da Espanha, tendo ambos uma configuração particular que combina atitudes modernas face à divisão do trabalho e uma perspectiva negativa do impacto do emprego feminino nos cuidados às crianças pequenas e na vida familiar. Trata-se do perfil já referido em que uma aceitação bastante generalizada do trabalho pago dos dois cônjuges e de uma maior participação do homem em casa se cruza com uma perspectiva maternalista onde uma forte presença feminina junto dos filhos e na vida familiar é considerada positiva.

Afastados deste perfil, encontramos, num dos pólos, a Suécia e a Noruega, globalmente os mais representativos do perfil *duplo emprego/duplo cuidar* (ao contrário da Finlândia, que se aproxima mais do modelo do provedor masculino), e, no outro extremo, os novos países membros da UE e a Suíça, os países cujas populações mais aderem actualmente ao modelo do homem como principal provedor da família e concordam que o emprego feminino a tempo inteiro tem um impacto negativo na vida familiar.

Pelo meio encontramos um grupo de países – a Alemanha Ocidental, a Grã-Bretanha, a Irlanda, a Holanda – que ainda tendem bastante para o modelo do homem principal provedor, sobretudo quando as crianças são pequenas, e os menos adeptos de todos quanto ao perfil do «duplo cuidar» em casa. Revelam um perfil que podemos apelidar de *emprego feminino oscilante/principal cuidador feminino/algum maternalismo*. Talvez seja pertinente recordar que nestes países as mulheres, quando as crianças têm menos de 6 anos, estão maioritariamente em casa ou a trabalhar a tempo parcial (v. anexo, quadro 5.21), uma situação que se associa, em grande parte, às políticas de família características destes países (Deven e Moss, 2005). Existem países (por exemplo, a Alemanha Ocidental) que, em vez de criarem equipamentos para crianças, optaram, explicitamente, por licenças parentais prolongadas e pagas, que favorecem a saída da mulher com filhos pequenos do mercado de trabalho, e outros, como a Holanda, que, para além de licenças parentais bastante longas, promoveram o trabalho feminino a tempo parcial.

Por último, importa mencionar a França, pela posição específica que ocupa, juntamente com a Finlândia, ao mesmo tempo próxima da Suécia e da Noruega mas algo afastada desses países. Os resultados mostram que se aproxima, globalmente, de um perfil de *duplo emprego/duplo cuidar mas com algum maternalismo*, este último traço aproxi-

mando-a ligeiramente dos outros países da Europa do centro. Tal como na Grã-Bretanha ou na Alemanha Ocidental, pensa-se que o trabalho feminino a tempo inteiro quando os filhos são pequenos pode ter algum impacto negativo.

2. Num segundo momento procurou-se verificar, no interior de alguns dos países mencionados (Portugal, Espanha, República Checa, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, França, Suécia), se existem padrões atitudinais diferenciados e identificar os principais factores determinantes dos mesmos. De forma sintética, é importante sublinhar as seguintes conclusões:

- a) Existe neste momento uma *pluralidade* de padrões atitudinais face à divisão familiar do trabalho e os dados não revelam uma tendência clara e generalizada em direcção a um modelo «moderno» do *duplo emprego/duplo cuidar*. Encontram-se padrões atitudinais variados em todos os países analisados. Em Portugal identificámos cinco: o *tradicional forte* (8,4%), centrado no homem ganhador/mulher cuidadora e dona de casa; o *tradicional forte modificado* (25,6%), em que se apoia o modelo do homem principal provedor da família, mas também alguma participação masculina no universo doméstico; o *moderno maternidade forte* (28,1%), onde a adesão ao duplo emprego e ao duplo cuidar se conjuga com uma forte concordância com o impacto negativo do trabalho feminino a tempo inteiro quando os filhos são pequenos; o *moderno moderado* (23,1%) e o *moderno forte* (14,8%);
- b) A análise comparativa mostra que as atitudes no interior de cada país não são apenas tradicionais ou modernas. É verdade que alguns padrões atitudinais, em todos os países, são claramente tradicionais ou modernos. Mas também observámos a existência de outros que articulam de forma mais complexa e inesperada as atitudes face à divisão familiar do trabalho. Por exemplo, o padrão *moderno maternidade forte (ou moderada)*, que apresenta valores elevados actualmente, é um perfil que combina atitudes modernas em relação ao trabalho pago e não pago com atitudes cautelosas e discordantes face ao trabalho a tempo inteiro de mães com filhos pequenos;
- c) Tanto os países que se situam globalmente mais próximos do pólo tradicional como os que se situam no pólo oposto combinam padrões diversos. A Suécia, o país que todos situam no pólo mais «moderno» do eixo tradicional-moderno, também inclui uma

diversidade de padrões atitudinais. Curiosamente, o *tradicional forte* (apenas 6%, o valor mais baixo encontrado) e o *tradicional forte modificado* (14,4%) não só não desapareceram, como representam um quinto do total. Mas os padrões predominantes são, por um lado, o *moderno maternidade moderada* (36,8%), em que a adesão forte ao duplo emprego/duplo cuidar se associa a uma adesão moderada à ideia do impacto negativo do trabalho feminino a tempo inteiro quando os filhos são pequenos, e, por outro, os padrões modernos (*moderno e moderno forte*) que, em conjunto, representam 33%. Outro modelo minoritário, o *moderno doméstico desigual* (apoiantes do duplo emprego, que não é considerado como tendo um impacto negativo, mas não apoiantes de uma maior participação masculina no universo doméstico), representa 10% do total;

- d) Em todos os países o padrão *tradicional forte modificado*, que propõe uma maior participação doméstica do homem no interior do modelo do ganha-pão masculino, é sempre mais popular do que o padrão *tradicional forte*, tornando-se este último francamente minoritário: na República Checa representa 12%, mas nos outros seis países varia entre apenas 6% e 10%. De notar, no entanto, que, apesar de o *tradicional forte* se associar, em geral, a proporções baixas, pode ter valores mais elevados em alguns grupos de idade mais jovens. Por exemplo, em Portugal nota-se uma adesão muito significativa a este padrão nos homens entre os 30 e os 44 anos (ou seja, quando os filhos nascem ou são pequenos). Os dados sugerem, assim, que certos padrões atitudinais se associam a fases específicas do percurso familiar;
- e) É sobretudo nos padrões tradicionais e no *moderno maternidade forte/moderada* que os entrevistados consideram que a mãe com filhos abaixo dos 5/6 anos deve ficar em casa ou trabalhar a tempo parcial;
- f) Considerando o impacto de diferentes factores nos perfis atitudinais para os sete países, encontram-se modelos mais explicativos e preditivos no caso do padrão *moderno forte* – onde o trabalho feminino a tempo inteiro e um nível elevado de educação são as determinantes mais significativas – e também no caso do padrão *tradicional forte modificado* – onde a idade mais avançada, um baixo nível de educação e a presença de crianças com menos de 5/6 anos são os factores determinantes mais salientes. Neste último modelo explicativo também é interessante observar a influência da variável

«menos horas de trabalho pago feminino» e da variável «stress no trabalho devido a responsabilidades familiares» (isto é, uma maior tendência para sentir dificuldades em concentrar-se no emprego). A interacção entre estas variáveis sugere um modelo explicativo em que a variável *emprego e meio* se articula com uma vida familiar com crianças pequenas e problemas de conciliação entre vida profissional e vida familiar;

- g) Ao contrário dos padrões anteriores, o *moderno maternidade forte* apresenta um modelo preditivo muito fraco. Consta-se o impacto de três factores – um nível de educação mais baixo, maior prática religiosa e maior tendência para sentir dificuldades em cumprir as tarefas familiares e domésticas. No entanto, é a última variável que surge como mais significativa, enquanto a associação ao estatuto educacional e profissional é muito mais fraca do que nos padrões anteriores. Em resumo, as determinantes sociais parecem ser importantes para explicar alguns padrões atitudinais e pouco ou nada relevantes em relação a outros, nomeadamente, e no momento actual, relativamente às atitudes face ao impacto do emprego na fase inicial da maternidade;
- h) No que diz respeito à regressão logística realizada país a país e para cada padrão, é de salientar que os factores determinantes não são sempre os mesmos. Por exemplo, no caso do padrão *moderno forte*, o nível de educação (mais elevado) surge como factor explicativo em Portugal, em Espanha, na Alemanha Ocidental, em França e na Suécia. Na Grã-Bretanha, pelo contrário, os factores determinantes do padrão *moderno forte* são as horas femininas de trabalho pago (mais horas) e a existência de crianças pequenas no agregado feminino, sendo o factor «nível de educação» nada explicativo. Não nos cabe, neste capítulo, explicar estas diferenças, mas deve levar-nos a reflectir sobre a sugestão de alguns autores segundo a qual as determinantes sociais na sociedade ocidental deixaram de moldar atitudes e práticas. Podia pensar-se que, nos países com elevados níveis de escolarização, essa tendência fosse de facto generalizada. Como se constata neste inquérito, isso verifica-se em relação a alguns perfis atitudinais e em alguns países (por exemplo, a Grã-Bretanha). Mas não se verifica na maior parte dos países, nomeadamente em alguns que apresentam níveis médios elevados de qualificação.

Como último comentário, uma reflexão breve sobre a convergência ou a divergência das atitudes face à divisão familiar do trabalho nas

sociedades europeias. Não se pode negar a influência forte de uma perspectiva de género igualitarista que difundiu um padrão atitudinal de *duplo emprego/duplo cuidar* na família ao longo das últimas décadas. No entanto, a convergência em relação a esta perspectiva é talvez menor e mais complexa do que se poderia pensar. Os homens e as mulheres, os grupos sócio-profissionais e de idade, os casais com ou sem filhos pequenos, as sociedades e os diferentes Estados-providência atribuíram a este ideal dos anos 70 entendimentos diversos. Em confronto com outros constrangimentos contextuais – o emprego e o desemprego, a segregação de género no mercado de trabalho, as famílias, os compromissos políticos – e com antigas ideologias renovadas (o valor da figura materna nos primeiros anos de vida), recompuseram e reinterpretaram os ideais da igualdade no trabalho familiar pago e não pago.

O que vemos agora não é um grupo homogéneo de países que abraçaram de forma semelhante o padrão atitudinal *duplo emprego/duplo cuidar*, nem sequer vários grupos que sejam muito homogéneos entre si. É verdade que podemos, com base nos índices utilizados, distinguir *grosso modo* grupos de países que se aproximam mais uns dos outros, mas, mesmo assim, é necessário não esquecer que Portugal difere da Espanha, a Grã-Bretanha da Alemanha Ocidental, etc. O olhar interno sobre a variedade e as proporções relativas dos padrões atitudinais em cada país indica que não se pode fazer a economia dos desenvolvimentos percorridos, isto é, do *path dependency* de cada país, do ponto de vista dos contextos que estruturam a divisão familiar do trabalho e que, ao longo das últimas décadas, configuraram, e continuam a configurar, atitudes e práticas específicas, ora em consonância, ora em dissonância, com o passado e com constrangimentos próprios.

O caso das atitudes face à divisão familiar do trabalho em Portugal é, deste ponto de vista, um bom exemplo. Quando alguns autores (Adema, 2004) interpretam a importância do padrão *duplo emprego* nas atitudes (e nas práticas) em Portugal enquanto resultado da pobreza – as mulheres portuguesas trabalham porque têm necessidade –, esquecem-se de ter em conta diversos contextos sociais, históricos e políticos que influenciaram, ao longo da segunda metade do século XX, a emergência desse padrão: entre outros, uma agricultura familiar, uma indústria e um contexto migratório onde a mulher já trabalhava intensamente, uma revolução que sublinhou a importância da igualdade e da independência da mulher através do trabalho, o desejo de mobilidade social para os filhos após o 25 de Abril (implicando um esforço financeiro conjugal conjunto), uma política de família que, apesar de financeiramente fraca,

optou, no fim dos anos 80 e nos anos 90, por apoiar o desenvolvimento do pré-escolar e de serviços de apoio à criança em vez de soluções centradas na retirada da mulher do mercado de trabalho (Wall, 2007, no prelo).

## Anexo

**Quadro 5.19 – Cruzamento de padrões atitudinais com o enunciado  
«as mulheres devem ou não trabalhar quando a criança  
tem idade pré-escolar»  
(em percentagem)**

	Trabalho a tempo inteiro	Trabalho a tempo parcial	Ficar em casa
<b>Almanha Ocidental (n = 646)</b>			
Tradicional forte		10,0	90,0
Tradicional	1,0	37,1	61,9
Tradicional forte modificado		16,7	83,3
Moderno moderado	1,0	39,4	59,6
Moderno maternidade forte	2,7	79,6	17,7
Moderno doméstico desigual	5,6	59,3	35,2
Moderno forte	12,5	81,3	6,3
Total	2,8	45,4	51,9
$\chi^2_{12} = 241,26, p < 0,001; \alpha = 0,52$			
<b>Grã-Bretanha (n = 1494)</b>			
Tradicional forte	0,7	9,7	89,6
Tradicional		20,8	79,2
Tradicional forte modificado		2,0	98,0
Moderno moderado		43,9	56,1
Moderno maternidade forte	1,4	43,8	54,8
Moderno doméstico desigual	11,4	60,5	28,1
Moderno forte	14,3	81,8	3,9
Total	4,0	40,4	55,6
$\chi^2_{12} = 640,49, p < 0,001; \alpha = 0,55$			
<b>Espanha (n = 1993)</b>			
Tradicional forte	2,3	16,2	81,5
Tradicional forte modificado	1,1	22,1	76,9
Moderno maternidade forte	23,0	69,4	7,6
Moderno moderado	19,4	60,3	20,2
Moderno forte	61,4	38,6	
Total	18,7	45,4	35,9
$\chi^2_{12} = 1076,58, p < 0,001; \alpha = 0,59$			
<b>França (n = 1545)</b>			
Tradicional forte	11,4	88,6	100,0
Tradicional forte modificado		22,4	77,6
Moderno doméstico desigual	23,0	61,2	15,8
Moderno maternidade moderada	2,4	52,0	45,7
Moderno	7,5	73,4	19,0
Moderno forte	54,8	44,5	0,6
Total	9,8	47,0	43,2
$\chi^2_{10} = 824,08, p < 0,001; \alpha = 0,59$			

	Trabalho a tempo inteiro	Trabalho a tempo parcial	Ficar em casa
<b>Portugal (n = 1005)</b>			
Tradicional forte	13,1	21,4	65,5
Tradicional forte modificado	0,4	13,6	86,0
Moderno maternidade forte	16,0	71,5	12,5
Moderno moderado	1,7	48,5	49,8
Moderno forte	42,3	53,7	4,0
Total	12,3	44,5	43,5
$\chi^2_8 = 514,08, p < 0,001; \alpha = 0,58$			
<b>República Checa (n = 1122)</b>			
Tradicional forte		21,5	78,5
Tradicional forte modificado	1,9	37,8	60,3
Moderno doméstico desigual	54,1	29,5	16,4
Moderno maternidade forte	15,4	63,1	21,5
Moderno moderado	13,3	60,1	26,6
Moderno forte	27,1	69,1	3,9
Total	12,7	48,5	38,8
$\chi^2_{10} = 411,10, p < 0,001; \alpha = 0,52$			
<b>Suécia (n = 772)</b>			
Tradicional forte		6,5	93,5
Tradicional forte modificado	0,9	43,2	55,9
Moderno doméstico desigual	26,0	74,0	
Moderno maternidade moderada	2,8	83,5	13,7
Moderno	29,7	68,0	2,3
Moderno forte	36,7	63,3	
Total	14,2	66,6	19,2
$\chi^2_{10} = 428,10, p < 0,001; \alpha = 0,60$			

**Quadro 5.20 – Descrição e codificação das variáveis incluídas nas análises de regressão (sete países)**

Variáveis independentes	Codificação
<b>Variáveis sócio-demográficas</b>	
Sexo	1 masculino ..... 2 feminino
Idade	Mínimo 18 ..... máximo 96
Estado civil	1 casado/ coabitação ..... 2 não casado
Número de anos na escola	0 sem escolaridade ..... 30 anos (95- ainda na escola; 96 - ainda na universidade)
Posicionamento político: esquerda-direita	1 esquerda ..... 10 direita
Prática religiosa	1 várias vezes por semana ..... 8 nunca
Número de pessoas do agregado familiar: crianças com menos de 5/6 anos de idade	0 ..... 4 crianças
Número total de pessoas do agregado familiar	1 ..... 14
<b>Variáveis de trabalho e trabalho/vida</b>	
Condição do homem perante o trabalho	1 não trabalho; 2 < tempo parcial; 3 tempo parcial; 4 tempo inteiro
Condição da mulher perante o trabalho	1 não trabalho; 2 < tempo parcial; 3 tempo parcial; 4 tempo inteiro
Número de horas de trabalho do homem	0 ..... 96
Número de horas de trabalho da mulher	0 ..... 90
Dificuldade em cumprir as responsabilidades familiares	1 Várias vezes por semana ..... 4 nunca
Dificuldade de concentração no trabalho	1 Várias vezes por semana ..... 4 nunca

**Quadro 5.21 – Características da população respondente nos sete países segundo a condição perante o trabalho e o sexo**  
*Condição perante o trabalho dos respondentes (18-65 anos)*

	Total sete países (n = 8876)	Alemanha Ocidental (n = 775)	Grã-Bretanha (n = 1648)	Suécia (n = 903)	Rep. Checa (n = 1113)	Espanha (n = 1965)	França (n = 1591)	Portugal (n = 882)
<b>Masculino</b>								
Trabalho tempo inteiro	71,9	71,6	73,4	75,8	73,4	69,4	70,1	72,4
Trabalho tempo parcial	3,0	1,1	4,5	4,5	0,6	4,3	2,1	2,6
Trabalho < tempo parcial	0,8	0,0	0,7	2,1	0,4	1,3	0,3	0,2
Não trabalha	24,3	27,3	21,4	17,5	25,7	24,9	27,5	24,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Feminino</b>								
Trabalho tempo inteiro	42,0	34,2	40,8	46,8	51,7	33,3	44,6	48,1
Trabalho tempo parcial	15,9	16,3	23,7	26,4	3,3	13,6	17,2	6,4
Trabalho < tempo parcial	2,2	1,3	3,4	2,1	0,5	2,3	2,9	1,3
Não trabalha	39,9	48,2	32,1	24,7	44,4	50,8	35,3	44,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Todos</b>								
Trabalho tempo inteiro	56,1	52,4	55,2	60,4	62,2	51,2	55,9	60,0
Trabalho tempo parcial	9,8	8,9	15,2	16,2	2,0	9,0	10,5	4,5
Trabalho < tempo parcial	1,5	0,6	2,2	2,1	0,4	1,8	1,8	0,8
Não trabalha	32,6	38,1	27,4	21,4	35,4	38,0	31,8	34,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<i>cc</i>	0,31	0,38	0,33	0,32	0,23	0,34	0,30	0,24

*Condição perante o trabalho dos respondentes com crianças com menos de 5/6 anos de idade (pré-escolar)*

	Total sete países (n = 8876)	Alemanha Ocidental (n = 775)	Grã-Bretanha (n = 1648)	Suécia (n = 903)	Rep. Checa (n = 1113)	Espanha (n = 1965)	França (n = 1591)	Portugal (n = 882)
<b>Masculino</b>								
Trabalho tempo inteiro	65,7	86,0	82,7	85,5	84,6	88,7	91,5	82,2
Trabalho tempo parcial	3,1	2,0	0,0	5,8	0,0	4,0	2,1	2,7
Trabalho < tempo parcial	0,9	0,0	0,0	0,0	1,5	0,0	0,0	0,0
Não trabalha	30,3	12,0	17,3	8,7	13,8	7,3	6,4	15,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Feminino</b>								
Trabalho tempo inteiro	28,3	13,2	24,5	25,7	23,1	26,4	42,3	53,1
Trabalho tempo parcial	14,9	23,5	31,9	32,9	2,6	14,3	25,3	11,1
Trabalho < tempo parcial	1,8	2,9	0,6	4,3	1,3	2,7	2,6	1,2
Não trabalha	55,0	60,3	42,9	37,1	73,1	56,6	29,9	34,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Todos</b>								
Trabalho tempo inteiro	45,5	44,1	47,2	55,4	51,0	51,6	58,3	66,9
Trabalho tempo parcial	9,5	14,4	19,5	19,4	1,4	10,1	17,7	7,1
Trabalho < tempo parcial	1,4	1,7	0,4	2,2	1,4	1,6	1,7	0,6
Não trabalha	43,6	39,8	33,0	23,0	46,2	36,6	22,2	25,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<i>cc</i>	0,36	0,59	0,51	0,52	0,53	0,52	0,43	0,30